O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Thomen Christ

ANNO XXIX

Assignaturas, pagamento adeantado
Aveiro, anno, 1$200. Semestre, 600 reis. Fóra d'Aveiro: Portugal e colonias, anno, 1$300. Semestre 650. Extrangeiro, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

AVEIRO, 13 DE MARÇO DE 1910

Publicações
No corpo do jornal: a linha 40 reis. Annuncios (quarta pagina) cada linha 20 reis. Permanente mediante contracto.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Nº 1.351

As quadrilhas politicas em Portugal

Aos homens de bem de todos os paizes

II

Assim que Cunha e Costa apresentou as contas do sarau litterario, choveram os doestos, os commentarios azedos e insultuosos na imprensa brazileira. Olympio Lima encetou na *Tribuna do Povo* uma serie de artigos, sob o titulo *Carta Aberta*, dirigidos á commissão dos festejos. Um dos membros d'essa commissão, Zeferino Lourenço Martins, actual vice-consul em exercicio, procurou immediatamente Olympio Lima para lhe dizer que a commissão tinha sido *realmente illudida*. N'esse mesmo dia a commissão reuniu e resolveu, sobre os *factos apurados*, entregar ao Asylo 3:200$000 reis, além do saldo de 1:385$000 réis. D'essa forma, attendam bem os leitores, a commissão reconhecia o roubo indecente commettido por Cunha e Costa, aquelle que, em nome do partido republicano portuguez, se dirige agora aos *homens de bem de todos os paizes*, a tentar a apotheose do Buissa e do Costa e a fulminar o rei D. Carlos. Era um roubo declarado, na quantia de 3:200$000 réis, pelo menos.

Cunha e Costa dava a favor do Asylo, réis 1:385$000 como saldo do sarau. A commissão, sobre os *factos apurados*, resolvia entregar mais, *como producto do mesmo sarau*, 3.200$000 reis. Logo a commissão reconhecia *publicamente* que Cunha e Costa, o homem honesto que se dirige agora *aos homens honestos de todos os paizes* para justificar o assassinato do *rei dos adeantamentos*, tinha roubado, *pelo menos*, o que ella entregara a mais, ou seja trez contos e duzentos mil reis. E dizemos *pelo menos* porque a opinião publica não se contentou com esse *remendo*. Olympio Lima sustentou na *Tribuna* que a commissão devia entregar 5:115$000 reis.

E assim fica provado que a colonia portugueza em Santos, tinha muita razão em querer depositar a sua honra e os seus interesses nas mãos do consul hespanhol. Seria uma vergonha. Mas maior vergonha foi manter a nomeação de Cunha e Costa para se chegar áquelle tristissimo resultado.

Como é evidente, Cunha e Costa não se poude aguentar em cima de mais esta proeza indecente. A colonia portugueza, que o não podia ver, que tanto se tinha revoltado contra a sua nomeação, explodiu em coleras tremendas. E o miseravel, certo de que seria demittido, sabendo mesmo, já, officiosamente, que seria demittido, telegraphou a pedir a demissão.

Corrido em toda a linha. Vergonhosamente corrido em toda a linha. Só quem vivia em S. Paulo e em Santos, ou leu o que disse a imprensa brazileira d'essa epocha, e a portugueza que se publicava no Brazil, é que pode fazer idéa da vergonha por que nos fez passar aquelle biltre. Assim descobriu-se—e não foi difficil descobri-lo—que elle tinha repetido uma verba de 700:000 reis duas vezes. Um homem que abriu o gaz, e *só porque abriu o gaz*, figurava nas contas com 25$000 reis. O porteiro, *que era o porteiro do theatro*, com 20$000 reis. O jardineiro Alves da Silva, fornecedor das flores, com 1:000$000 reis. Uma senhora que vendeu um bouquet, e *só pela importancia do bouquet*, — D. Marcelina Gomes Caldas, — com 300$000 reis. Um homem, Manuel Gomes, que transportou as 50 cadeiras da Casa Vinholes para o theatro—400 metros de distancia—com 20$000 réis. E assim por deante. Uma gatunice escandalosa, uma roubalheira desaforada. E é este o traste que o partido republicano arvora emseu campeão para justificar, em nome da honra e dos interesses nacionaes, *perante os homens de bem de todos os paizes*, o assassinato do . . . *rei dos adeantamentos*.

Este gatuno! Este grilheta!

Partido sem vergonha. Partido ignobil. E paiz sem brio.

* * *

Veio para a Europa, o gatuno. Que havia elle de fazer, assim desacreditado, no Brazil?

Antes de partir, porem, o pae, Elmano da Cunha, já fallecido, procurou o sr. conselheiro Albano de Mello, então governador civil de Aveiro, e hoje director geral do ministerio da justiça. E tentou leva-lo a conseguir do sr. José Luciano de Castro que o filho fosse recebido com honras de marechal no partido progressista.

O sr. conselheiro Albano de Mello respondeu-lhe que marechaes não faltavam já n'esse partido. Que viesse o *cavalheiro*, que se filiasse no partido progressista, mas que conquistasse as suas esporas d'oiro, se quizesse.

Veio o *cavalheiro*. Porem, em vista d'esta resposta, ficou de capa, a ver. Escreveu a João de Menezes, Antonio José d'Almeida e outros, a estabelecer relações que lhe facilitassem *todos os caminhos*. Por signal que chamava a Antonio José d'Almeida o *d'Artagnan portuguez*. Mas o d'Artagnan, que mais tarde o protegeu, que faz causa commum com elle presentemente, que o deixa falar *aos homens de bem de todos os paizes* como *homem de bem* do partido que vae remir a patria, e honrar a democracia n'este jardimsinho *á beira mar plantado*, não só não lhe respondeu, como esbravejou, *escamadissimo*. A audacia, a pouca vergonha do patife! Então, hein, não se atrevia a escrever-lhe?! Que idéa fazia elle dos seus sentimentos de homem e dos seus sentimentos de democrata?!

Antonio José d'Almeida tinha, como sempre, gestos e palavras eloquentes, a dar sahida, em catadupas, á indignação da sua honra beliscada.

João de Menezes, esse, não havia coisas más que não dissesse do bandido, do grande miseravel.

Assim enxotado, Cunha e Costa acolheu-se á protecção do Silva Graça. Então, a colera honesta da republica explodiu, de norte a sul, em torrentes de improperios. Um cavalheiro, outro catão, que dá pelo nome de Augusto Barreto, e que é reliquia sagrada de virtude e columna solida de democracia redemptora ahi para os lados de Cuba, no Alemtejo, aproveitou a occasião d'um comicio em Coimbra para fazer a publica e solemne exauctoração do miseravel. Applausos atroadores! Quanto mais fundos eram os golpes, mais ardentes os applausos! A redempção nacional, sempre austera e justiceira, esphacelava alli, para sempre, o miseravel. Alli, na terra de Coimbra, onde elle começara, com esse Augusto Barreto e outros, a sua vida revolucionaria.

Isto por meio da tribuna. Da palavra falada. Por meio da imprensa, ou da palavra escripta, encarregou-se o *Mundo* da obra *depurativa* da austera redempção nacional. E depois de chamar cem vezes canalha, malandro, pulha, traidor, renegado a Cunha e Costa, publicava a celebre poesia, que pela quarta vez vamos reeditar:

SILVA GRAÇA E O OUTRO

(No gabinete oriental do dono do "Seculo")

I

(Monologo de Silva Graça)

Foi-se o vidro! Deixa-lo! (1) *Ha de porem dar furo!*
Hão de pagar-mo caro!

(MUDA DE TOM)

Eu tremo do futuro!
Já baixei, só n'um mez, trinta mil exemplares . . .
E tu não és, João Franco, homem pr'a me ajudares.
E's tão unhas de fome, ó servo de Bragança,
que pareces ter ganho o que te deu a herança!
Nada! Em ti não me fio ou em teu amo, não!
Isto aqui é fazer das tripas coração.
Se esta charola está quasi a ruir disposta,
é metter-lhe uma cunha, evitar dar á costa.
Felizmente que tenho agentes superfinos:
gatunos e ladrões e filhos d'assassinos;
malandros d'estes taes que o proprio pae engeita; (2)
gente que rosna, e morde, e foge e me deleita!
bufos, condotieri, homens de saco e corda,
matilha que o imbecil do meu publico engorda.
Um lá está a ganir, todo atascado em lama;
vejamos se tambem o outro responde á fama.

II

(ENTRA O ANÃO) (3)

Silva Graça

Anda cá!

(O anão avançando de rastos)

Meu senhor!

Silva Graça

Ora vamos a ver.
Sentes-te acaso com força p'ra morder?

O anão

Julgo servir.—Eu sou dinamico e biologico;
leio revistas; tenho um saber chronologico
que me ajuda a enfiar datas e anedoctas
faço artigos de fundo e posso fazer botas;
sou de borracha, affronto assim os pontapés
nasci p'ra o seu jornal por não haver galés;
uso uma pena culta, afiada em navalha
e, pagando-me bem, verá como trabalha
podendo assim unir, para ficar tranquillo
ao seu rei do Calão o capango do Estilo.

Silva Graça

'Stá bem! Saltas-me então no Mundo *e na Republica*
Renegado! Vaes ter emfim a tua voz publica.
O que pensas dizer?

O anão

Oh! meu senhor! Eu? Tudo!
Direi que Portugal está n'um periodo agudo;
que a Republica cae já sobre a terra, exangue . . .
porque o Mundo *só quer a dynamite e o sangue . . .*
Direi tudo em linguagem cheia de nobreza:
que a partir vidros foi que a Revolução franceza,
essa tragica explosão de cannibaes e féras
promoveu o Terror, que é o espanto das Eras;
que elles querem cortar essa fronte que vale
muito mais que a da infeliz princeza de Lamballe;
que o senhor é um santo, e um martyr sublime;
que nós somos a Honra, e que elles são o Crime;
e que pondo do seu rei o retrato fronteiro
ao Teixeira de Sousa e ao Hintze Ribeiro,
o meu senhor mostrou a esse Mundo *acrata*
como se é, a valer, um grande democrata!

Silva Graça

(satisfeito)

Muito bem! Muito bem! Emfim, vou ver-te á prova.
E quanto te hei de dar, se levares uma sova?

O anão

(cobiçoso)

Quero um conto de reis por cada orelha abaixo!

Silva Graça

(Com uma careta)

Se morreres? . . .

O anão

(melancholico)

O retrato, em fórma de capacho,
envolto na libré, a qual tão bem me vae.
E com a biographia escrita por meu pae . . .

Vejamos a biographia, escripta pelo pae. Elle ia á junta militar d'inspecção. E o pae escrevia a um dos medicos d'essa junta, Vicente Ferreira dos Santos, esta carta:

> Elle é anão, myope da alma e do corpo, magro como a burra do Palito Metrico, já deitou sangue pela bocca e tem horror ao cheiro da polvora.
>
> Pessimo filho, neto detestavel e irmão inutil, seria ainda peor soldado. Farás e farão os teus collegas um relevante serviço á patria, dispensando do serviço militar o poltrão que por dever paterno tenho o desgosto de te recommendar

E é este o homem, outra vez dizemos, que no mesmo *Mundo*, com sancção de todo o partido republicano, se dirige *aos homens de bem de todos os paizes* para justificar o assassinato do principe real e de D. Carlos.

Isto bastaria para mostrar ao mundo o valor moral do partido republicano portuguez. Ha milhares de provas da degradação, da abjecção, da grande miseria d'esse partido, que se não peja de proceder, de dizer que procede, em nome da justiça e da moral. Porem, quando não houvesse mais nenhuma, esta bastaria.

Porque não se trata aqui, nem d'uma simples injuria, nem d'uma simples reconciliação pessoal. Aqui ha factos provados. Cunha e Costa era, realmente, como fica visto, um bandalho. Cunha e Costa era, realmente, um grilheta, um malandro, um *escroc*. Cunha e Costa era, realmente, um vidreirinha, um *condotieri*, um pulha sem convicções de qualquer ordem, um renegado. E não é França Borges quem, depois de o injuriar gravemente em cima d'esses factos provados, o vae buscar e exaltar. *E' todo o partido republicano*. Ou, se não é todo, pelo menos a parte que o não exalta, a que tem por chefes João de Menezes e Camacho, chefes ou guias espirituaes, é tão pouco digna, melhor, é tão indigna, que acceita os factos consummados. Na phrase synthetica e suggestiva de Camacho, os que não exaltaram o miseravel curvaram a cabeça submissos e *gramaram-no*.

Que auctoridade tem essa gente, a melhor d'essa gente, para falar da falta de dignidade dos monarchicos?

São todos uns miseraveis. Todos! Ainda valem menos, porque ainda são mais pulhas, que os peores monarchicos.

São todos uns miseraveis, uns pelintrões, uns canalhas. Sem envergadura intellectual para a grande obra de reconstituição de que carece esta patria desgraçada. Sem euvergadura intellectual e, muito menos, sem envergadura moral. Que garantias offerece quem transige facilmente com as ultimas vilezas? Tudo engolem, os miseraveis. Com tudo se accommodam. Definimo-los quadrilha, e é o nome proprio.

Todos uns miseraveis, uns pelintrões, uns canalhas. Assim, n'essa polemica entre o *Mundo* e o *Seculo*, de que resultou a poesia que ahi fica estampada, deu-se um outro incidente não menos significativo e não menos interessante.

Respondendo ao *Mundo*, dizia o *Seculo*, em 19 de junho de 1906:

> "Em 1900, o *Seculo* que, sem abdicar da independencia absoluta que sempre tem mantido, vinha prestando ao partido republicano um auxilio tão desinteressado quanto efficaz, recebeu do sr. dr. Affonso Costa uma solemne e publica manifestação de apreço.
>
> N'um banquete politico realisado no Porto e a que assistia o sr. dr. Affonso Costa, este chefe republicano, depois do brinde official a toda a imprensa alli representada, **levantou um brinde especial ao nosso collega Marcos Guedes, como representante do „Seculo„.** Este brinde foi calorosamente applaudido com palmas e bravos que redobraram quando o orador abraçou o nosso correspondente no Porto.
>
> No dia seguinte a imprensa republicana, dando larga noticia do banquete, omittia *lealmente* o brinde ao *Seculo*, e como um papel qualquer puzesse em duvida a existencia d'um facto que só o *Seculo* noticiava, logo o então orgão do partido republicano no sul se apressou a declarar que o *Seculo* . . . **mentiu!**
>
> Ninguem levantou a luva; ninguem desaggravou o *Seculo*. Este tambem nada disse, mas, naturalmente, retrahiu-se. Esse retrahimento provocou, em data de 4 de janeiro de 1901, uma longa carta do sr. dr. Affonso Costa ao director do *Seculo*, em que aquelle chefe republicano **desmentia o desmentido** do orgão republicano do sul; approvava inteiramente a orientação do *Seculo*, por isso que, discipulo amado de José Falcão, via as coisas e pessoas do nosso paiz **por um aspecto politico intransigente mas não jacobino;** considerava o *Seculo* **um jornal amigo que dedicadamente os acompanhara no Porto desde a primeira hora de lucta de 1899 até ao ultimo grito soltado na camara;** e, por tal motivo—accrescentava o sr. dr. Affonso Costa—o *Seculo* fizera-se o jornal mais lido no Porto e seguramente **aquelle que dirigia e orientava a opinião da cidade.** Na mesma ordem d'idéas, dizia ainda o sr. dr. Affonso Costa que o partido republicano do Norte **estimava o „Seculo„, seguia-lhe as indicações e grato lhe era aos grandes serviços prestados.** E, concluindo, o chefe republicano, depois d'affirmar que **sempre tivera pelo „Seculo„ uma affeição parallela á que tem pela republica,** pedia ao nosso director que sahisse do seu retrahimento e voltasse a dispensar ao partido o apoio dedicado que, havia pouco, lhe prestára.

Isto é muito interessante e dá mais um aspecto da degradação moral dos miseraveis.

No dia seguinte, 19 de junho, o *Mundo* publicava uma carta do bandido Affonso Costa em que este procurava justicar-se, desvirtuando os factos. Em 20, o *Seculo* replicava:

> O sr. dr. Affonso Costa publicou hontem uma interpretação da carta dirigida em 1901 ao director do *Seculo*. Entre a interpretação e o texto ha differenças sensiveis. Nós, **mantendo integralmente, sem alteração d'uma virgula,** as referencias que á carta fizémos, gostosamente a publicamos na intrega se o sr. dr. Affonso Costa quizer.

Consentiu, Affonso Costa, na publicação d'essa carta? Não. Terminantemente a prohibiu!

E' mais um clarão a illuminar o caracter d'aquelle canalha.

De ha muito que o *Seculo* tinha abandonado inteiramente a causa democratica. De ha muito que era monarchico, por factos e palavras. Sobre elle pesava a *condemnação official* do partido republicano. Mas como tinha uma incontestavel influencia na opinião publica, rei dos bandidos, a occultas, puxando, como sempre, a braza á sua sardinha, deitando, como sempre, em face dos interesses, a honra para detraz das costas, rastejava deante de Silva Graça, dizendo-lhe que **approvava inteiramente a orientação do** *Seculo;* que o partido republicano do norte *estimava o "Seculo„, lhe seguia as indicações e lhe era* **grato aos grandes serviços prestados;** que sempre tivera pelo *Seculo* **uma affeição parallela á que tinha pela republica.**

Mudam as circumstancias, mais tarde, e elle torna-se solidario com o *Mundo* na campanha ignobil dos dez reisinhos movida contra o *Seculo*, que não tinha mudado, que era o que tinha sido, o que vinha sendo ha muito tempo, um jornal de especulação, um jornal de *chantage* e nada mais. Silva Graça faz o summario da carta e elle contesta. Mas Silva Graça pede-lhe licença para publicar a carta, a fim do publico ver de que lado estava a verdade, e elle nega a auctorisação que se lhe pede.

Não é, positivamente, o bandalho do caso Fratel e da questão com o lente Chaves? Não é o pulha que se aproveitava da influencia palaciana para ser lente da Universidade e que depois pedia a cabeça do rei? Não é o ignobil tratante que andava de braço dado com João Franco e que se associava á conspiração que tinha por fim tirar a vida a João Franco?

Que comparação ha entre estes canalhas e o rei? Pois o rei, fossem quaes fossem os seus defeitos e os seus crimes, não lhes era infinitamente superior? Ao menos tinha sobre elles a nobre vantagem da franqueza e da coragem.

Era devasso? Muito mais devasso do que elle era esse miseravel que se chama Affonso Costa, esse prostituto que se chama Cunha e Costa, esse *souteneur* qua se chama França Borges, esse bebedo que se chama Alexandre Braga. Sem falar em tantos e tantos outros da mesma laia.

Era ladrão? Muito mais ladrão do que elle era Affonso Costa, era Cunha e Costa, o repellente *escroc*, eram todos os pulhas que lhe chamavam o *rei dos adeantamentos*.

Que auctoridade tinham, que auctoridade teem os miseraveis para lançar os *adeantamentos* em rosto a D. Carlos?

Seria muito mau D. Carlos. A consciencia, a justiça, a verdade, erguem-se e erguer-se-hão a clamar:

Por muito mau que fosse, ainda tinha mais nobreza, mais patriotismo, mais caracter, que os grandes bandidos, que os grandes canalhas que tripudiam impunemente e infamemente, ha dois annos, sobre o seu cadaver.

E esperamos concluir estes artigos no numero immediato.

(1) A canalha, a incitamentos do *Mundo*, aquella canalha a quem Cunha e Costa chamava no dia seguinte a *cauda lamacenta de todas as democracias*, havia partido as janellas do *Seculo*, á pedrada.

(2) Cunha e Costa.

(3) Cunha e Costa.

Bandidos

O sr. Antonio José d'Almeida fulminou na camara as arbitrariedades do juiz de instrucção, e pediu luz, muita luz sobre o regicidio. Mas então porque esteve tão caladinho até agora?

E' phantastico!

Pois o senhor Antonio José d'Almeida não diz nada quando desapparece a carabina do Buissa, o gabão do Buissa, elementos importantissimos do processo, e é agora, quando ha mais luz do que nunca, que se esfalfa a pedir luz, muita luz sobre o caso?

Temos a historia de Souza Nogueira a pedir attestado de folha corrida a Liborio, em vez de o pedir a D. Carlos.

Então é agora, que os republicanos apparecem envolvidos no crime das associações secretas, do regicidio e de Cascaes, que o sr. Antonio José d'Almeida, e o partido republicano, de que elle se fez interprete, se mostram tão zelosos da justiça e da verdade?

E' agora que se encarniçam contra as violencias e attentados do juizo d'instrucção criminal?

O partido republicano só tinha uma maneira de mostrar a sua isenção, de se tornar insuspeito, de se impôr pela justiça, de se fazer respeitar, acatar, venerar pelo seu amor á verdade. Era protestar contra os attentados á lei, aos mais elementares principios de decoro, aos mais rudimentares preceitos de vergonha, quando o juiz Silva Monteiro deixava roubar a carabina do Buissa, o gabão do Buissa, peças indispensaveis no corpo de delicto, elementos importantissimos do processo. Era pedir luz, muita luz, toda a luz, quando o juiz Silva Monteiro praticava o crime, o monstruoso crime, de desprezar todos os vestigios, todos os indicios, todos os depoimentos que podiam conduzir á descoberta da verdade.

Então, sim. Se o partido republicano tem apparecido então a protestar, ninguem podia duvidar das suas intenções, da sua sinceridade. Então, sim, que seria manifesto o seu respeito pela justiça, o seu amor pela verdade. Mas agora?

Agora o partido republicano não consegue illudir ninguem. Agora o partido republicano mais uma vez, com os seus protestos hypocritas, se mostra simplesmente uma quadrilha infame.

Mais uma vez se enche d'opprobrio. Mais uma vez se despenha no lodo prostituido que constitue de ha muito o estrado em que se move.

Que o dr. Antonio Emilio abusa. Mas abusa como? Tem demasiado zelo? Pratica arbitrariedades por amor da verdade? Suppunhamos. De facto, é um peccado. Simplesmente, não é um peccado que affronte a justiça, que envergonhe a verdade, que faça fugir o decoro horrorisado. Como o outro de deixar roubar o capote do Buissa, a carabina do Buissa e as folhas do processo. Como o outro de pôr pedra sobre todos os depoimentos, de desprezar todas as indicações, de apagar todos os vestigios que podiam conduzir ao conhecimento da verdade.

Pois o partido republicano conserva-se calado perante esses gravissimos attentados, e só agora, que o juiz d'instrucção procura, a sério, descobrir os auctores de tantos crimes revoltantes, de que são suppostos auctores os republicanos, é que sahe á rua a carpir, a clamar, a berrar?

O partido republicano perdeu inteiramente a noção das circumstancias. O que lhe valerá uma cóça mestra não tarda nada.

O partido republicano não repara no impudor, na desvergonha da sua conducta e na affronta que ella representa para a nação. Pode-se perdoar o crime ao criminoso. O que se não perdôa — nunca se perdoou — é que o criminoso se arvore, para fulminar os outros, em homem de virtude. Isso é irritante. Isso acaba sempre por provocar a indignação dos outros e faze-la trasbordar em actos de terrivel repressão.

O partido republicano escapou do 31 de janeiro, escapou do 28 de janeiro, mas—tenha a certeza—não escapa de uma outra aventura como essas. Nem mesmo fóra d'esse caso d'aventuras, tornará a gosar da impunidade de que tem gosado até agora. Porque ainda que lh'o queiram permittir as quadrilhas monarchicas, não lh'o consente a consciencia publica accordada . . . e irritada.

A opinião publica accorda n'este paiz, definitivamente. E accorda resolvida a não consentir este ludibrio de que tem sido victima até hoje.

Isto é um ludibrio. Isto é uma burla. Uma affronta. Uma infamia.

Estão ou não estão cheios de crimes e mazellas esses bandidos e esses lazaros que se dizem republicanos? Estão ou não estão corrompidos até aos ossos? Não ha a menor duvida a tal respeito. Então, não é uma burla, um ludibrio, uma affronta, uma infamia, consentirmos-lhes que se arvorem em representantes da verdade e da justiça e que em

nome da verdade e da justiça estejam a dar leis a Portugal?

Accusa-se o dr. Antonio Emilio de ter batido n'um official de diligencias quando juiz em Povoa de Varzim. Mas porque bateu o dr. Antonio Emilio n'esse homem? Porque elle, nas barbas do juiz, levava o descaramento e a affronta até ao ponto de tentar destruir os vestigios d'um crime gravissimo sobre o qual se estava levantando o respectivo auto.

Evidentemente, o juiz praticou um excesso. Mas esse excesso só o nobilita. Esse excesso é para elle uma honra, não é um vituperio.

O dr. Antonio Emilio bateu no official de diligencias como agora, elle e toda a gente, tem vontade de bater nos republicanos. Quem é que não tem vontade de bater n'esses canalhas? Qual é a consciencia recta que não sente o imperioso desejo de os escorchar, de os esganar? De os pisar? De os fuzilar, inflexivel, contra um muro, com menos piedade do que se fuzila um cão raivoso?

Um juiz recto encontrava um funccionario da justiça a roubar o gabão do Buissa. E' claro que o seu simples dever seria proceder legalmente contra o miseravel. Mas é um homem arrebatado, impetuoso? Mas tem o culto arraigado da sua profissão e um solido caracter? Não domina a onda d'indignação que o invade, repentina. Ergue a bengala e descarrega-a na cabeça do bandido.

Isto é honesto. E' illegal. Mas é honesto, mas é digno.

A differença que ha entre o dr. Antonio Emilio e outros juizes é essa: é que os outros roubam e deixam roubar. Elle não rouba, nem deixa roubar. E' que os outros fecham os olhos a todas as patifarias. E elle não só não fecha os olhos, como se indigna até ao ponto de *sahir de si*. Elle é um arrebatado. Não ha nega-lo. Mas é um cumpridor do seu dever. Mas é um homem digno. E entre o colerico honrado e o pulha manso e accommodaticio só os pulhas preferem o pulha manso e accomodaticio.

E' o papel que está desempenhando o partido republicano portuguez. Se a miseravel quadrilha houvesse protestado contra o relaxamento criminoso e indigno, contra a vergonhosa cumplicidade do juiz Silva Monteiro, ninguem tinha agora que censurar a sua conducta. Limitando-se, apressamo-nos a observar, á critica de qualquer arrebatamento do dr. Antonio Emilio. Só a isso. Mas o dr. Antonio Emilio, embora muito digno, pelo seu zelo, de louvores, excedia-se no trato? Ia atraz dos seus arrebatamentos? O partido republicano, mantendo-se na linha rigorosa do dever, tinha razão em lhe censurar esses excessos, tendo censurado ao dr. Silva Monteiro os seus crimes, os seus desleixos, os seus relaxamentos. Assim, não. O partido republicano desempenha simplesmente o papel de *pulha* que tem desempenhado sempre na vida portugueza; de principal fautor de toda a nossa indisciplina, de toda a nossa desordem, de todo o nosso desvairamento. O partido republicano demonstra apenas mais uma vez que o que menos lhe importa é a justiça, a ordem, o bem estar, a civilisação, o progresso d'este paiz. O que lhe importa, exclusivamente, é o seu interesse de mando, as suas ambições de quadrilha. Mais nada. E n'esse caso, bando por bando, quadrilha por quadrilha, os monarchicos teem o mesmo *direito* que teem os republicanos. E' *direito* de quadrilha? Então de que vos queixaes, canalhas? De que vos queixaes, ladrões?

Porque a verdade é esta. O dr. Antonio Emilio tem andado correctamente. Mas suppunhamos que é faccioso. Mas suppunhamos que exorbita. Todo o mundo tem o direito, e o dever, de perguntar indignadamente aos miseraveis que em Portugal ousam dizer-se republicanos: de que vos queixaes, canalhas? Assassinos, ladrões, bandidos, o que tendes a dizer?

Que auctoridade é a vossa, que tendes dado o exemplo de todas as iniquidades, do mais indigno, do mais abjecto, do mais repellente partidarismo? Semeastes? Colhei. O mal fructificou? Colhei, bandidos! Viestes em nome da moral e tendes sido da mais flagrante immoralidade? Viestes em nome da justiça e tendes sido da mais revoltante injustiça? Viestes em nome da ordem e tendes sido a desordem? Viestes em nome da paz e tendes sido a guerra? Colhei, bandidos!

Estabelecestes, ou se não estabelecestes fortificastes, enraizastes, em vez do direito e da moral dos principios, o direito e a moral de quadrilha? Colhei, bandidos!

O juiz d'instrucção criminal exorbita? O juiz d'instrucção criminal é faccioso? Assassinos de D. Carlos e D. Luiz Filippe, o que tendes a dizer? O arbitrio, a violencia, o crime foi sempre uma arma de dois gumes. O que tendes a dizer, bandidos?

Como podeis abrir a bocca, com que direito abris a bocca, ó vós, ladrões, canalhas, malandros, que sem piedade fechastes a bocca na *Furna do Inferno* a um desgraçado proletario, por meio d'um grande crime?

Nós estamos aqui, nós todos homens de consciencia, como quem se encontra entre a meretriz descarada e a meretriz a fingir de mulher pudica que lança em rosto á meretriz descarada a sua impudicicia. Quem tem consciencia, quem tem principios de justiça, quem ama a verdade, por quem toma partido? Pela meretriz descarada, por mais que ella lhe repugne. E' um impeto de indignação, de honrada indignação, de justificadissima indignação, que nos põe do seu lado.

O dr. Antonio Emilio não é um indigno. E' um homem digno. E bem digno. Não pratica arbitrariedades. Limita-se a não ter, e é isso o que levanta os odios dos miseraveis contra si, contemplações algumas com o crime. Mas é indigno? Mas exorbita? Mas é faccioso? Mas vae alem do que legitimamente lhe é permittido? A'vante, dr. Antonio Emilio! Ainda assim é um dever gritar: A'vante, dr. Antonio Emilio!

Entre a prostituta desgraçada e esfarrapada, que assume a responsabilidade da sua abjecta situação, e a prostituta coberta d'ouropeis a insulta-la como se fora mulher honesta, a consciencia não hesita.

Entre dois bandidos, o bom senso vae pelo bandido menos perigoso contra o bandido mais perigoso.

Sois um homem honesto, dr. Antonio Emilio. Sois um funccionario integro. Resolutamente, porque vos conhecemos, o temos affirmado e resolutamente o affirmamos. Mas perdoae a hypothese contraria. Não o sois? Sois tal como os bandidos que vos increpam e vos insultam? Usaes dos mesmos processos de que elles teem usado e de que elles usam?

A'vante, ávante, dr. Antonio Emilio. Ainda assim sereis um benemerito, esmagando a infame quadrilha.

A'vante, ávante, dr. Antonio Emilio!

Coisas velhas... que são novas

Lisboa, 28-2-910

. . . *Sr.*

N'um dos seus ultimos numeros publicou o *Mundo* um artigo, ou coisa que o valha, do sr. Cunha e Costa, ou, se quizer, *Unha e Gosta*, artigo esse, segundo dizem (eu não o li) que historiava *imparcialmente* todo o periodo da dictadura franquista até ao Regicidio.

Estou a vêr d'aqui a *imparcialidade* d'aquelle *cavalheiro*. Mais dizem que na redacção d'aquella gazeta, existem traducções em francez do tal artigo, que poderão ser fornecidas a quem as pedir, e destinadas tambem ao extrangeiro onde irão restabelecer a verdade dos factos, deturpada pela campanha de descredito, que lá fóra se tem feito a nosso respeito!!! Já se viu desfaçatez egual? E todavia ha ainda quem diga que o sr. Cunha e Costa obedeceu a um louvavel intuito patriotico!

O que vale, é que felizmente não são poucos os que, com V., dizem que isto está cada vez mais necessitado de porrada e agua á jarra.

Mas emfim eu não venho aqui fatigal-o com considerações de qualquer especie sobre a canalha. Tudo que se diga é pouco, a respeito d'essa cafila republiqueira; mas para isso lá está o *Povo de Aveiro*.

O meu fim é outro.

Por um conjuncto de circumstancias, que não vem para aqui mencionar, tenho em meu poder uma copia de certa carta em tempo dirigida ao jornalista francez Galtier, o mesmo que aqui veio entrevistar o infeliz rei D. Carlos.

A titulo de curiosidade remetto-lhe uma copia d'essa copia, podendo desde já asseverar-lhe que tal carta foi effectivamente enviada ao seu destino. Não a reproduziu o *Temps*, é certo; era um anonymo; nem o sr. Galtier fez qualquer referencia a seu respeito; mas o que é fóra de duvida é que os jornaes parisienses, entre elles o *Matin*, deixaram em absoluto de publicar as noticias cavillosas que vinham trazendo a respeito dos acontecimentos de Portugal, noticias certamente fornecidas pelo *Unha e Gosta* e seus sequazes.

Essa carta foi mesmo suggerida, como V. verá, por uma desavergonhada local ou correspondencia, publicada no *Matin* a proposito do 5 de abril, e ainda por uma nova entrevista do sr. Galtier com um *distingué monsieur*, (sic) portuguez de nascimento, ao tempo de passagem em Paris. Deve V. recordar-se d'esse artigo. Começava elle até por esta phrase: *D'esta vez não fui eu a Portugal, foi Portugal que veio ter commigo* . . .

A carta pois, cuja copia lhe remetto, tem toda a actualidade em face das taes traducções do artigo do sr. Cunha e Costa. Essa sim, essa, é que tem um caracter profundamente patriotico, mostrando bem que n'esta desgraçada terra, ainda ha quem preze o seu nome. A absoluta sinceridade com que foi escripta, o punhado de verdades, que ella salienta, tornam-n'a digna d'uma grande attenção.

Leia-a V., e publique-a no seu jornal, se assim, como julgo, o tiver por conveniente. Brilhante documento até agora inteiramente desconhecido, não deve por mais tempo permanecer occulto. E' justo que se saiba, que ha ainda entre nós quem seja verdadeiramente portuguez, amante da sua patria e intransigente inimigo da horda de selvagens que a infesta.

Com toda a consideração.

De V. etc.

Leitor assiduo do *Povo de Aveiro*.

— *P. S.* — Devo garantir a V. que a carta que lhe remetto vae absolutamente na integra, sendo portanto uma copia fidelissima aquella a que me refiro.

—

Lisboa, 9-3-910

. . . *Sr.*

Por circumstancias alheias á minha vontade deixou esta carta de seguir na semana passada. Não perdeu por isso, creio bem, opportunidade.

Aproveito esta occasião para pedir a V. que não extranhe o facto de querer ficar absolutamente desconhecido.

Se essa carta dirigida ao sr. Galtier tem algum valor, o seu auctor contenta-se com o bem que fez, sem precisar dizer quem é. Se tem uma importancia minima, da mesma forma é inutil citar o seu nome. Seja como for. O que fica de pé, são as boas intenções que presidiram á redacção d'essa missiva.

No meio do tremendo descalabro moral e politico que para ahi vae, salve-se ao menos quem tem ainda inteiramente limpa a sua consciencia de patriota.

Depois de mais estas palavras nada mais tenho a dizer a V.

Faça V. o que entender.

—†—

Lisbonne le . . . avril 1908.

CHER MONSIEUR.

Je n'ai pas le plaisir de vous connaitre, et vous ne me connaissez non plus. Tout de même j'ose vous écrire. Porquoi faire?

Vous le saurez en lisant cette lettre.

On a fait autour de votre nom un tapage extraordinaire lors de votre **enterview** avec le malhereux roi D. Carlos. Combien de differentes opinions, combien de menaces se sont prononcées, lors qu'il a été connu, ce sensationel dialogue! — Au bout de quelque temps, des éléments très connus tachaient de faire éclater une révolution, n'importe comment. Les événements qui se sont suivis, vous les connaissez très bien jusqu'au moment où plusieurs coups de rewolver et de carabine ont tué le roi, et le pauvre prince héritier. Eh bien! C'est justement de ces événements que je vais vous parler, a propos de votre récente entrevue non moins sensationnelle que celle qui vous avez eu avec feu le roi. —Une révolution!!

Oh! vous savez très bien, monsieur, ce que c'est qu'une révolution! Si ce n'est pas de vos jours, vous connaissez au moins par l'histoire ce que sont ces tempêtes formidables. Voilà 1793, voilà 1830, voilà 1848, et encore 1871. C'est l'acharnement du peuple, c'est la convulsion de l'âme populaire, poussée jusqu'au combat, poussée jusqu'au crime!

Ça se produit presque d'une façon expontanée, de la part de ceux qui souffrent les attaques de la tyrannie, les tortures de l'oppression. Mais ici, est ce qu'il s'agissait vraiment d'une de ces commotions, qui agitent une nation entière?

Ma foi, non! —Malgré la politique féroce de M. João Franco qui ne s'adressait, il faut l'avouer, qu'au tas d'ambitieux qui veulent à tout prix mener les destins du Pays, par des procédés qui ne sont plus à la portée des exigences actuelles, malgré aussi la haine de l'ancien Président du Conseil au groupe Alpoim, composé par des individus, pris beaucoup plus que les rotatifs (régénérateurs et progressistes) par la folie du Pouvoir, malgré encore l'énergie du premier ministre, employée contre les débordements des républicains, trop pressés aussi dans la conquête de leur Idéal, le Portugal était tout tranquille! Seuls, les bavards de la Politique s'agitaient!

Oui, certes, l'entêtement de Franco pouvait être consideré comme une façon d'âgir excessivement rare chez nous. Il y avait, même, dans cet entêtement, un peu trop de folie, alliée a une haine sans trèves. On a comparé le ministre, actuellement en exil volontaire, à Turgot et à Guisot. Il possède, en effet, les mêmes qualités et les mêmes défauts de ces deux hommes d'E'tat. Cependant, je vous l'ai dit, le Pays était tranquille. Les affaires marchaient avec la même régularité des temps de paix, les ouvriers, toujours honnêtes et sérieux, travaillaient dans leurs fabriques, sans aucune plainte, sans ces terribles colères, nées dans les classes mécontentes. Le peuple n'avait pas faim, et toute une population indifférente haussait les épaules devant les rancunes qui bouleversaient les partis. Tout de même, la conspiration continuait silencieusement chez les esprits les plus exaltés; et, oh! surprise!, les conspirateurs fabriquaient des bombes, préparaient une grande quantité d'explosifs, qui de temps en temps éclataient, tuant les fabricants eux mêmes!

Le gouvernement alors se rendait compte des intentions des révolutionnaires, et une répression serrée et énergique se produisait contre ceux qu'il considérait comme des ennemis de la Société.

Mais à l'entêtement de Franco, une autre obstination répondait. Celle de ses criminels adversaires qui voulaient absolument le combattre par des procédés infames, d'une lâcheté inouïe, indigne du caractére noble et paisible de mes compatriotes.

La fabrication d'explosifs continuait malgré tout, et on disait alors que ces bombes n'étaient pas comme ces machines infernales qui, par malheur de notre époque, éclatent souvent contre n'importe qui les acrates les destinent. Non, elles étaient toutes petites, à ce qu'il parait, et se comptaient par des milliers, étant destinées à produire la terreur, la confusion et la mort, parmis les rangs des troupes appelées à inutiliser les efforts des révolutionnaires.

Peu à peu, le complot atteint des proportions assez grandes, mais le gouvernement ne dort pas, et en découvrant quelques depôts d'armes, il envoie aux arrêts quelques républicains plus connus par leur esprit demagogique. Mais c'est inutile de vous renseigner sur ces détails. Vous les connaissez d'après votre causerie avec ce *sympathique et distingué monsieur*, dont les aveux ont été reproduits dernièrement dans les colonnes du *Temps*. Il vous a dit des choses qui sont absolument vraies, mais à coté de celles-ci, il y en a qui s'éloignent de la vérité! Il vous a dit par exemple que les conspirateurs voulaient tout simplement s'emparer respectueusement du Roi, pour le forcer à suivre un chemin absolument libéral.

Ah! Mais non!!

Les jours du pauvre Charles 1er étaient comptés, par ces petits *Cromwells*, au moins, comme roi de Portugal.

Le but du complot était la proclamation de la République. Il est vrai cependant que des éléments monarchiques y entraient à côté des républicains. Ces éléments, tout le groupe radical de M. d'Alpoim, ont été même, je le crois, les principaux promoteurs de la conspiration; mais les membres les plus avancés du parti républicain les aidaient, en dressant avec eux le ténébreux plan et en leur apportant des cohortes de *sans-culotes* jeune siècle, armés de carabines, de rewolvers et de bombes, toute une armée hetérogène de petits employés de commerce, pris d'un enthousiasme maladif par les flammes trompeuses des discours des orateurs démocrates, et des articles trop rouges des deux journaux républicains, *O Mundo* et *O Paiz*, composée, encore, par tant de citoyens en guenilles, par tant de misérables d'instincts farouches, la chair à canon des émeutes, payeé pour allumer le flambeau de la Révolution!!

C'etait donc la Rèpublique qu'ils voulaient, les chefs de ce mouvement avorté! Je n'avais pas même besoin de vous le dire. Les journaux républicains de Lisbonne l'ont dejá avoué pour contredire les affirmations de votre interlocuteur. Oh! les malheureux conjurés!

Était ce le patriotisme, l'amour de la liberté, qui les a menés comme ça à la Révolution?

Ah! Non! Ce n'était que l'ambition du Pouvoir, la haine contre ceux qui l'avaient, l'envoie d'avoir aussi dans leurs mains le gouvernement de ce pauvre pays, pour le conduire peut-être à une ruine totale!

Je n'appartiens pas a aucune faction politique, monsieur, et c'est pour ça que je vous parle avec tant d'imparcialité.

J'ai peut-être l'air de défendre le ministère Franco. Non, je ne le défends pas. Au contraire, je l'accuse, parce que je vois nettement les conséquences du temperament irascible du Dictateur, cette folle conduite, venue après les mésures absolument sensées avec lesquelles il a commencé son gouvernement.

On ne l'a pas laissé faire, c'est vrai. On l'a cerné de tous les côtés dans une entreinte aggressive.

On l'a provoqué, on l'a insulté! Il a voulu se défendre. Il s'est servi, pour pouvoir résister, de toute sa colère, de toute sa force nerveuse. Horriblement dangereux dans son machiavelisme, il a pu forcer le Roi à le croire, et à la fin, ayant dans ses mains le moyen de vaincre absolument les indignes révolutionnaires, au lieu de les laisser commencer dans les rues de la capitale ce drôle de mouvement pour le lequel malgré tout je démandrais un peu de musique d'Offenbach, il se borne à les faire arrêter avant l'éclat de la foudre, par une douzaine de sergents de ville!

Voilá sa grande faute.

Il aurait du les laisser faire pour mieux les terrasser complétement. Il avait de son côté la loyale et brave Garnison de Lisbonne. Le meurtre du Roi et du Prince n'auraient pas eu lieu, et nous serions à présent bien plus tranquilles.

Mais si j'accuse le ministre Franco, j'accuse aussi la foule des fous, des ambitieux, des misérables d'où sont sortis les assassins du roi D. Carlos et du prince héritier. Oh! si j'accuse!!

C'est elle qui a jetté la capitale portugaise dans une affreuse désordre, c'est elle qui nous a déprimés devant les yeux de l'étranger, en armant le bras de tant d'individus, qui ont tiré sur la voiture royale!

Le complot n'avait pas réussi, et ils voyaient leur futur compromis dans l'éxil. Il fallait donc tenter un dernier effort, et le meurtre a été décidé!

Mais tachons d'aller tout droit au but auquel je me suis proposé!

On vous a affirmé que une partie de l'armée n'était pas indifférente au mouvement du mois de janvier, et que la carte des opérations révolutionnaires avait été dressée par un officier d'état majór. Je ne le crois pas, et je vous pris de ne pas le croire non plus. Les militaires portugais, fidèles à leurs nobles principes, braves, loyaux, illustrés maintes fois dans les champs de bataille, ils ne seraient pas capables de combattre pour une fausse idée, à côté d'une bande de révolutionnaires indisciplinés, et de jetteurs de bombes. Exceptés quelques sous-officiers, en ce moment en prison, des pauvres diables tentés par le garde de sous lieutenants que leur était peut être promis, la garnison de Lisbonne se maintien drait fidèle aux instituitions, prète à sortir des casernes, non pour se jetter follement dans les bras de la Révolution, mais pour dompter les furies des ennemis de l'ordre.

Oh si, je les connais très bien, ces soldats portugais. Ils ont aussi des *dents de loup pour fendre la canaille qui grogne*, comme les cadets de Gascogne du Cyrano de Rostand.

C'est du reste ce qu'ils nous ont pu montrer pendant la nuit du 6 avril, en attendant l'éclat je ne sais quelle mysterieuse foudre, dont le gouvernement avait été averti. On les a vues, alors, ces braves troupes rangées dans les rues, l'arme au bras, dans une alerte silencieuse et imposante. L'infanterie, l'artillerie et la cavallerie, celle-ci divisée dans des détachements qui parcourraient les endroits plus sombres constraints à suffoquer quelques petites troubles provoquées par la populace. De quoi s'agissait-il?

A commencer par le quartier général, les autres établissements militaires, la banque du Portugal, les postes, le télégraphe, les fabriques de gaz, tout était fortement gardé!

J'appellerai aux raisons qui ont déterminés les precautions extraordinairs, et aux rudes événements de la veille, la dernière étape du complot.

On tache maintenant, à propos de ces émeutes, de brouiller les troupes de l'armée avec la Garde Municipal

Voilá encore de tristes procedés, de condamnables intrigues, qui n'aboutiront heureusement à aucun résultat. La Garde Municipale, qui joue un rôle semblable à celui de la Garde Républicaine, appartient à l'armée. Par sa discipline, par l'allure très martiale de ses beaux soldats (M. Loubet en pourra dire quelque chose), par l'illustration de ses officiers si distingués, si dignes, que leurs camarades des troupes de ligne aux quelles du reste ils appartienent, la Garde Municipale est peut-être un corps d'élite, et justement pour ça, elle a le droit d'être considérée au moins avec le même enthousiasme tributé aux autres troupes. Beaucoup de ses soldats, plusieurs de ses officiers portent sur la poitrine les médailles des campagnes d'Afrique. Ce sont des rudes guerriers, braves et loyaux, pas des brutes comment on a voulu insinuer au correspondant spécial du *Matin*. Les émeutes qu'ils ont étés forcés de réprimer se sont produites presque à la fois dans quelques assemblées electorales, et évidemment produites par un mot d'ordre. A Alcantara, un officier a été blessé. A S. Domingos, le peuple s'acharnait contre la petite force chargée de la garde de l'urne qui renfermait les voix des électeurs. Une bagarre formidable, des pierres, des coups de rewolver! C'est seulement au bout de quelque temps que les soldats se décident à tirer à plusieurs reprises sur les manifestants. Il faisait nuit. Une petit force d'infanterie, appellée á renforcer la garde du Quartier Général, passait parmi le peuple. Quelques soldats, par malheur du hasard, ont été atteints, et des morts, et beaucoup de blessés tombent parmis les assaillants. C'est très triste, c'est même très lamentable. Mais que voulez vous? Savez très bien, monsieur, ce que sont que ces bagarres et les tristes conséquences qui parfois elles nous apportent.

Et maintenant, il faut en finir. J'aurais sans doute beaucoup de choses à vous dire, mais... elle est déjá trop longue, cette lettre d'un inconnu qui ne veut que rétablir la vérité sur les événements du Portugal, sur lequel il y a quelque temps souffle un vent de tragique folie.

Je n'accuse personne, au moins individuellement. Dans tous les partis da la politique portugaise, les républicains y compris, il y a des honnêtes hommes absolument irréprochables, dont les intentions traduizent tout ce qu'il y a de plus pur. Cependant l'ambition de beaucoup d'autres, et l'action collective de ces partis, ont déterminée cette crise effroyable, dont j'attend la fin, protegé encore par l'espoir d'assister au triomphe du Bon-sens et du vrai patriotisme sur les éléments nuisibles qui affrontent le bonheur et la tranquillité de ma chère patrie.

Veuillez agréer, monsieur, les plus vives sentiments de haute considération.

D'un portugais qui n'appartient pas à aucun complôt révolutionnaire.

Ainda hoje, e pelo mesmo motivo—falta d'espaço—deixamos de fóra varios artigos, entre elles o promettido artigo sobre a questão das cooperativas de Lisboa com a Companhia de Panificação, e outro sobre o general Borracho. E este que estava magnifico! Necessidades de paginação... á ultima hora. E' curvar a cabeça.

Fundo de propaganda

A' hora de começarmos a escrever este artigo, não só já está cheio o POVO DE AVEIRO como teremos de retirar alguns artigos já compostos. Não pode sahir tudo.

Não diriamos, mesmo, hoje, coisa nenhuma sobre este assumpto, reservando-nos para o numero immediato, se á ultima hora não fossemos informado de que já está requerido novo processo contra o POVO DE AVEIRO. N'esse caso, fica aberta desde já a subscripção nacional para o fundo de propaganda.

Escusado será dizer-se que a nova tentativa dos bandidos, não só não surtirá o effeito que esperam como será um novo e tremendo desastre para elles.

Já uma vez aqui contámos que, quando deram ao sr. José Luciano de Castro a noticia de termos sido reformado pelo conselho superior de disciplina do exercito, o velho e experimentado homem publico respondera: "Ai reformaram-n'o? Pois os republicanos acharam o seu menino."

Nós rimo-nos, quando nos contaram o dicto. E rimo-nos por vermos quanto José Luciano tinha acertado. E se elle acertou ou não, os factos decorridos até hoje que o digam.

Da mesma forma, no dia do nosso julgamento dizia-nos alguem no tribunal d'Aveiro: "José Luciano é d'opinião que a tiragem do POVO DE AVEIRO vae duplicur com estes processos."

Tambem nos parece!

Ha duas maneiras de favorecer o POVO DE AVEIRO e de o aguentar contra a investida feroz dos bandidos: augmentar-lhe ainda mais a assignatura, augmentar-lhe ainda mais a venda avulso e concorrer para o fundo de propaganda.

Este fundo de propaganda, como já dissémos, não se destina exclusivamente nem directamente ao POVO DE AVEIRO. Emquanto o POVO DE AVEIRO se poder aguentar sósinho, com os seus recursos proprios, não recorre a fundos estranhos. E o POVO DE AVEIRO, evidentemente, aguentar-se-ha tanto mais, na lucta singular, quanto maiores forem os seus recursos.

O POVO DE AVEIRO está espalhado em todo o paiz. Tem uma circulação enorme. Mas devemos observar que o lê "de borla" muita gente. Isso não é processo honesto, deixem-nos dizer. E' preciso acabar com esse mau habito portuguez. Uma empreza d'estas tem grandes contingencias. Principalmente com o caracter de combate que tem o POVO DE AVEIRO.

O POVO DE AVEIRO é util? Presta serviços? E' uma necessidade nacional? Pois então não basta lê-lo. E' preciso paga-lo tambem. E' um dever de patrtotismo. E' um acto de honestidade e de justiça.

Temos muitos assignantes. Não ha duvida. Temos uma grande venda avulso. Mas mais teriamos se se fosse perdendo o habito detestavel d'explorar os serviços e o trabalho dos outros. Não é honesto. Não é justo.

A toda a hora recebemos cartas d'assignantes e amigos dizendo-nos: "Você não imagina; o jornal que vem para minha casa anda todo o dia da chegada a correr mundo. Vae de mão em mão. E' lido por immensa gente."

Ora façam todos os assignantes o favor que já fazem, espontaneamente, muitos d'elles: deixem-no circular, deixem-no lêr; mas observem sempre, principalmente a gente de recursos, que seria bom . . . pagar e lêr.

Com tino tudo se faz, ou muita coisa se consegue.

Tambem pedimos aos nossos amigos e assignantes das terras onde o POVO de AVEIRO não tem ainda venda avulso, que nos arrangem agentes n'essas localidades. Em regra são republiqueiros os donos de tabacarias e kiosques que vendem jornaes por esse paiz alem. Mas para isso ha recursos. Nós temos muitos agentes de venda que não vendem senão o POVO DE AVEIRO. Casas de commercios differentes. Até casas de modas! E' um acto de habil propaganda e uma manifestação de sympathia.

E' preciso verem todos que a quadrilha republiqueira só uma coisa teme em Portugal: o O POVO DE AVEIRO. O POVO DE AVEIRO é para elles um pesadello, um espectro, uma coisa terrivel. Elles teem procurado, elles procuram todos os meios de nos anniquilar. Mas convencidos, no fundo, — pois conhecem-nos — de que não nos anniquilam. Elles tudo esperam vencer. Tudo. Menos a nós. Empregam para isto todos os recursos. Mas sem sérias esperanças de triumpho. Somos o seu horror, o seu pavor, o seu tormento.

N'estas condições, é claro que quanto maior fôr a circulação, a tiragem, o numero d'assignantes, a venda avulsa do POVO DE AVEIRO, mais se consegue o fim que se tem em vista. Mais se incommodam e se atormentam os bandidos. E maiores são as nossas garantias.

Isto quanto aos nossos proprios recursos.

Quanto ao fundo de propaganda, continuamos a reputa-lo d'uma necessidade inadiavel e urgentissima. Pode-nos ser preciso, como ultimo recurso de defesa. E pode não nos ser preciso. Mas ou nos seja preciso, ou não, a quem elle é preciso, muito preciso, é á propaganda de verdade, de moralidade, de justiça, que cada vez se torna mais necessaria n'esta patria infeliz. Ao levantamento moral e intellectual d'este povo embrutecido.

A subscripção para esse fundo fica aberta desde hoje. A commissão, que ha de receber as quotas subscriptas, desde hoje constituida. E compõe-se dos senhores:

Major Antonio Augusto Beja
Padre José Marques de Castilho, professor e director da Escola Districtal
Francisco Augusto da Silva Rocha, professor e director da Escola Industrial.

A qualquer d'estes senhores, ou á administração do POVO DE AVEIRO, que d'ellas lhes fará entrega, podem ser entregues ou enviadas quaesquer quantias subscriptas.

E sem tempo hoje para mais, no domingo explanaremos todo o nosso pensamento, publicando no mesmo dia algumas cartas que sobre o assumpto temos em nosso poder. Mas fiquem certos, todos, de que ninguem sabe em Portugal lidar, melhor de que nós, com os bandidos. Como se faz a propaganda contra elles, sabemos nós. Como se combatem e se esmagam, sabemos nós. N'esse ponto, a nossa tactica e a nossa estrategica é magnifica. Assim como tambem sabemos muito bem, felizmente, fazer a propaganda no sentido da instrucção e educação do paiz.

Haja dinheiro! O resto é facil.

Seguem aquelles subscriptores, que mesmo antes da subscripção aberta já tinham subscripto:

Um aguedense	5$000
Dr. Avelino Julio Pereira e Sousa	5$000
João Lourenço Figueiredo	1$200
Antonio Costa Vaz	1$200
João Vaz de Mascarenhas	4$300
Dr. José Maria Henrique da Silva	2$000
Antonio Martins Vidigal Salgado	1$000
Joaquim Lopes Manso	1$000
Carlos Bellarmino d'Almeida	500
Arnaldo Serrão	500
Joaquim Candido d'Almeida	500
Egydio de Seixas	500
Romano Baptista	500
Padre Ernesto Salles	1$300
F. J. F.	500
A. J. F.	100
Padre Francisco Diniz d'Abreu	3$000
Somma	28$100

Mundo alem!

Partiu na quarta feira d'esta cidade para Madrid, e d'alli seguirá para outras capitaes da Europa, Francisco Manuel Homem Christo, filho mais velho do director d'este periodico. Fará parte da companhia ingleza, organisada em Londres por Charles Frohman, e que se propõe crear nos Estados Unidos da America o theatro americano. Como se sabe, na America ingleza não ha theatro digno d'esse nome.

N'essa companhia ha tres figuras, tres unicas, que não são inglezas: a grande actriz Mimi Aguglia, Vincenzo Ferraú, marido da grande atriz, e Francisco Homem Christo. Vincenzo Ferraú será o director de scena, ou director artistico. Francisco Homem Christo director litterario e secretario de Mimi Aguglia.

E' um encargo muito grande para a sua edade. Tòdavia, esperamos que se sahirá d'elle dignamente.

Os relevantes serviços que elle poderá prestar á sua patria é inutil encarece-los. Francisco Homem Christo fará hoje, a convite do grande jornal *Heraldo*, de Madrid, uma conferencia no Atheneu de Madrid, uma das sociedades litterarias e scientificas mais importantes da Europa. D'alli seguirá, ou directamente, ou indo primeiramente a Barcelona, para Paris. E em Paris entrará no convivio dos intellectuaes sob a protecção do grande escriptor Octavio Mirbeau. E bem assim em Londres, em Berlim, em Milão, em Roma, sob os auspicios de todos os homens de theatro e de lettras relacionados com Mimi Aguglia. D'esta forma, as suas relações com o jornalismo, com o theatro, a sua intervenção directa na vida litteraria e artistica d'esses grandes paizes, a sua influencia junto de Mimi Aguglia, permittir-lhe-hão que preste, querendo, e ha de querer, assignalados serviços ao seu paiz.

Nenhum portuguez entrou ainda, na sua edade, mais favorecido e mais protegido na vida do grande mundo. Que saiba aproveitar esse extraordinario favor da sorte, que o seu proprio successo o traga á realidade de coisas e pessoas, ao trabalho, ao bom senso, como esperamos, pois confiámos sempre no fundo bom do seu caracter e na sua intelligencia, é o que desejamos vivamente. Que honre o nome da sua patria, honrando o seu proprio nome.

Entretanto, iremos nós publicando as suas chronicas do extrangeiro, que devem ser interessantes, pois Francisco Homem Christo, apesar de muito novo, é d'aquelles que n'esta terra, felizmente, sabem escrever.

Adeante publicamos um trecho do seu primeiro livro, sobre arte em geral e Mimi Aguglia em especial, que vae ser editado em francez, inglez, allemão e italiano, para o que já tem propostas vantajosas d'alguns dos mais celebres editores europeus.

Na camara dos Pares

Lê-se no *Diario Illustrado*:

"Contaram varios jornaes que ha dois dias, na camara dos Pares, um digno par do reino pedio o Mundo *entre os jornaes que a direcção da Camara mandou collocar n'uma meza para serem consultados pelos pares do reino, estranhou ao sr. Cabral Metello que alli consentisse semelhante jornal.*

Ao que parece o sr. Cabral Metello respondeu ao digno par que naturalmente s. ex.ª dispensava alli o Mundo. . . *porque o lia em casa.*

Não apreciamos a resposta do sr. Cabral Metello, que o Mundo *applaudia calorosamente e o* Dia *tambem*

Observaremos, porem, que é de estranhar que entre os jornaes que o sr. Cabral Metello mandou pôr na tal meza não figure o Povo de Aveiro.

Comprehende-se que, como disse o Dia, *sendo de tanta conveniencia o haver na Camara os jornaes para poderem ser consultados pelos dignos pares, pode succeder que o sr. Alpoim, por exemplo, querendo fazer quaesquer referencias ao partido republicano deseje consultar um jornal que sobre esse ponto lhe dê informações completas. E, claro está, o* Povo de Aveiro *é o jornal que melhores informações tem dado sobre esse partido.*

Não sabemos se o sr. Cabral Metello não poz tambem o Povo de Aveiro *na meza onde estão os jornaes para serem consultados pelos dignos pares, por suppor que todos elles teem esse jornal em casa.*

Estamos convencidos que todos, sem excepção o teem, porque realmente esse jornal é hoje dos que maior circulação gosam.

Mas isso não é razão para que na meza não figure tambem o Povo de Aveiro, *porque embora todos os dignos pares o tenham em casa, póde muito bem succeder que, de um momento para o outro, precisem consultal-o para recordar qualquer coisa que n'elle se diga.*

N'estas condições é de esperar que o sr. Cabral Metello mande quanto antes assignar o Povo de Aveiro *para facultar a sua leitura aos dignos pares.*

Como é porém possivel que tomando a assignatura agora só na Camara se comece a receber o jornal no proximo domingo, estamos promptos a enviar ao sr. Cabral Metello, para o pôr na tal meza, um exemplar do ultimo numero do semanario aveirense que segundo parece está esgotado.„

Estamos d'accordo com o *Diario Illustrado*. Os dignos pares e os senhores deputados devem ter, todos, o *Povo de Aveiro*. Tanto o sr. director geral da camara dos pares, como o sr. director geral da camara dos deputados, nos dão a honra de ser nossos assignantes. Succede o mesmo com muitos pares do reino e muitos deputados da nação, pois temos como assignantes a fina flor do elemento dirigente de Portugal e dominios. Mas isso não obsta, diz muito bem o *Diario Illustrado*, a que o *Povo de Aveiro*, que exerce tamanha influencia na opinião publica, e sempre tão cheio de bellas informações de caracter politico e, por conseguinte, de caracter historico, figure nas mesas de leitura das duas camaras, d'esses respeitaveis cenacnlos dos chamados representantes da nação.

Por se ter atrazado a impressão do volume sobre a revolta do Porto que temos annunciado, continua aberta até ao fim do mez a inscripção dos assignantes que o pretenderem.

Escola industrial

Tinhamos um artigo escripto sobre a demora que tem havido em dotar a Escola Industrial Fernando Caldeira, d'esta cidade, com os melhoramentos que obteve com a ultima votação do orçamento, quando soubemos que o sr. Conde de Agueda, illustre governador civil d'este districto, estava empregando em Lisboa os meios necessarios para que os melhoramentos referidos não ficassem em *lettra morta*.

Visto isso, retiramos o artigo, não sem consignarmos: 1.º o nosso agradecimento ao sr. conde de Agueda por continuar a affirmar o seu zelo pelos interesses locaes; 2.º a nossa affirmação, mais uma vez repetida, de que só pela instrucção, e pela educação, nós poderemos occupar o logar de nação civilisada na communhão dos povos cultos.

Sabe-se que tem sido esse o nosso constante objectivo. Isto é um paiz selvagem. Verdadeiramente selvagem. Em que os mais selvagens são precisamente os que mais se dizem cultos. Nós precisamos de estregar e engraxar o cerebro a todo o nosso povo. Com um grande cêco aos figurões, geralmente umas bestas no meio das suas prosapias de intellectuaes, e com uma escova macia ao pobre povo, muito bruto, mas com pouca responsabilidade em tudo isto.

Ora um dos melhores instrumentos do nosso progresso hão de ser, precisamente, as escolas industriaes, ministrando instrucção technica a par da instrucção litteraria.

Sobre isso ha muito que dizer. E nós podiamos dize-lo. A fatalidade das circumstancias afastou-nos d'esses trabalhos e estudos, aliás da nossa maior predilecção. Ainda ha dias um bebedo, que fazia a nossa accusação no tribunal de Aveiro, appellava, no meio das suas baboseiras e injurias, para a nossa *grande cultura*, e perguntava como um homem nas nossas condições podia estar fazendo uma tão *odiosa propaganda de combate*. Sem se lembrar, o bebedo, de que foi precisamente a quadrilha a que elle pertence que nos desviou d'essa propaganda, lançando-nos na outra odiosa *propaganda de combate*, que lhes causa, a todos, tantas lamentações e tantas furias.

Mas bem. Ou por meio da revista que projectamos, ou por outra qualquer forma, voltaremos muito breve a essa propaganda. Temos especial prazer n'isso. Porque queremos demonstrar mais uma vez que sabendo fazer a propaganda de combate tambem sabemos, ainda, fazer a propaganda de doutrina, em opposição aos bandalhos republicanos, que nem souberam nunca fazer uma séria propaganda de combate, nem uma séria propaganda de doutrina.

Brevemente iremos a isso. Por agora diremos só: é indispensavel, é urgente, dotar a Escola Industrial de Aveiro com os melhoramentos que lhe creou o orçamento.

E' lei, cumpra-se.

A VOZ

(Um trecho do livro de Homem Christo, Filho).

A natureza é, em geral, sabia e prudente. Se não é sempre inteiramente justa, procura, pelo menos, harmonisar as coisas de forma a não nos permittir razoaveis protestos senão muito excepcionalmente, em condições particularissimas.

Assim tem, sem duvida, os seus preferidos, que dota das melhores qualidades e em quem accumula todos os bens, como se quizera apresenta-los ao mundo como typos da perfeição absoluta.

Mas raro deixa de intervir o destino, essa força desconhecida e mysteriosa que n'um momento derruba um edificio de Bondade e faz surgir, d'uma caverna de ladrões, um coração amantissimo de homem. E essa força que se não esperava arranca de repente, n'um impulso de justiça e equidade bemditas, ao protegido da Sorte, ao abençoado da Fortuna, as condições externas indispensaveis á maturação das suas qualidades, ao exercicio dos primorosos dons com que o brindára a Providencia.

Por outro lado dá ao bastardo da Vida, que parecia fadado para a eterna insignificancia, para o eterno nada, sem qualidades physicas e sem condições de victoria, os meios faceis de utilisar com proveito as suas deficiencias, tirando partido das suas miserias e elevando mais alto, com cuidado e prudencia, os raros meritos que, por esquecimento, a natureza lhe deixára.

N'este equilibrio immutavel da existencia inteira que se observa no homem, nos animaes e nas plantas, quiçá nas proprias frágas, succede que não são os filhos preferidos os mais felizes na Terra, nem os perfeitos os que mais facilmente triumpham. Porque não ha grandeza dominadora na perfeição absoluta, nem é na harmonia symetrica e regrada que brilha a chispa fulgurante do Genio.

Além d'isto, pois que existe na vida uma escala de valores, eu acho mais belleza, mais encanto e mais brilho na creatura que, abandonada e desprotegida da Sorte, se impõe ao mundo pelo seu trabalho, pela sua tenacidade, pela sua audacia, fazendo grande o que era miseravelmente insignificante, creando do nada primitivo uma faceta de belleza radiosa e genial, embora incorrecta e assymetrica, do que encanto e brilho encontro no mimo impeccavelmente perfeito e incontestavelmente formoso que nasceu, n'uma manhã tépida de maio e no meio de perfumes subtis e inebriantes, do ventre prodigo e mysterioso do Acaso.

Por isso é maior para mim uma symphonia de Beethoven que a obra inteira do Wagner, mais bella uma scena de Shakspeare que todas as peças do Sardou, mais emocionante um traço de Rembrandt que uma boa tela de Ruysdaël, mais formidavelmente esplendido um verso de Victor Hugo que toda a obra do Musset, mais arrepiador e fulminante um encolher de hombros do Zaconi que todo o jogo physionomico do Novelli, mais bella uma phrase de Antoine que a declamação convencional e postiça, mas incontestavelmente perfeita, do Coquelin, e mais humano, dominador e genial um grito de Mimi Aguglia que a harmonia estonteante da voz da Bartet.

Mimi Aguglia tem por natureza uma voz aspera, mascula e rude, que a incompatibilizaria com a scena se ella não soubesse educá-la, adoçando-lhe as arestas, cortando-lhe os sons agudos quando o personagem os não reclama, amoldando-a inteiramente á sua vontade e assim fazendo d'ella um canto suave de rouxinol que enternece e commove, um murmurio sonoro de agua corrente ou tornando-a, de subito, aspera e forte, dominadora e brutal.

Não é pois, por natureza, Mimi Aguglia uma privilegiada da scena, no que diz respeito á voz, como, por natureza tambem, não é uma previligiada no que respeita á figura. Em voz e em figura foi para ella pouco generoso o Destino.

Mas d'estas duas deficiencias soube a intelligentissima mulher tirar proveitoso resultado, porque a Bartet, o primoroso temperamento de comediante, perfeito e modelar, que depois da Rachel e das grandes tragicos do romantismo é a mais emotiva e a mais sublime interprete do classicismo francês, conseguiria jamais com a sua voz divinamente suave e doce, meiga, terna e amorosa, dar-nos as tonalidades vividas, as notas magicas e impressionantes, reaes e verdadeiras, que á custa de trabalho e de estudo, de intelligencia e de methodo, sahem da garganta educada que possue e cuidadosamente conserva a grande tragica siciliana.

A Bartet podia dar-nos, com a perfeição de Mimi Aguglia, a voz suave e esbatida, quasi morta e silenciosa, da louca da *Mala Sorte*, mas não conseguiria, sem pyrotechnias de arraial e sem trucs deshonestos, fazer a voz aguda da hysterica da *Malia* quando Jana se debate nas convulsões violentas da terrivel nevrose e da sua garganta suffocada pelos espasmos da glotte, sahem os gritos que nos põem os nervos n'um sobresalto e a alma n'um vulcão.

Mas a Bartet que, com a candura argentea e a doçura maravilhosa da sua voz faz ainda hoje viver Marivaux, sem a interpretação sublime da grande artista de ha ha muito sepulto nas ruinas gloriosas do classicismo, como qualquer bom classico que se admira e que se não lê, não poderia fazer, por exemplo, a *Figlia di Jorio*, porque, se outras condições lhe não faltassem, a voz atraiçoa-la-hia em toda a *Mila*, e, sobretudo no final de 3.º acto, as suas ultimas palavras seriam recebidas pela platéa com uma gargalhada.

Emfim, uma artista que possue a mais terna, a mais doce, a mais maravilhosa e mais encantadora voz que pode sahir d'uma garganta humana, que sustenta Marivaux e já tem resuscitado Racine, que decuplica o talento de Musset e dá gloria a Victor Hugo, que talvez o mais impeccavelmente perfeita, no encanto da dicção, na maneira esculptural do seu gesto, na ternura suavissima da sua face, de todos os artistas francezes, dotada pela natureza, prodiga com alguns e avara com tantos, das mais finas e preciosas qualidades, não pode sahir do classicismo, aparte ligeiras aventuras pelo Dermay e Hermien, sem perder metade do seu valor e sem comprometter a sua gloria.

Ao passo que Mimi Aguglia, sem voz naturalmente perfeita, antes ingenitamente impossivel, consegue, fazendo prodigios de Arte, ser extraordinaria, suave, terna e melancholica na romantica Margarida Gauthier, immensa na Maria Luizina apaixonada do *Ladrão*, sublime na louca de *Mala-Sorte*, inexcedivel, dominadora e genial na Malia ou na *Figlia di Jorio*.

A actriz que n'esta obra estudamos conseguiu, á força de trabalho e de methodo, extrahir da sua pessima garganta todas as tonalidades da voz humana, todas as pequeninas modulações d'uma voz de mulher, a doçura, a suavidade, a ternura, o amor, a paixão, o enthusiasmo, a colera, o desespero, a dor, a agonia d'uma grande dama educada entre divans, flôres e champagne, a voz aspera e rude da mulher do campo nascida e feita entre searas doiradas ou nas areias revoltosas da beira-mar, nos cumes da montanha ou na extensão da planicie, a voz rouca e prostituida do alcouce ou a voz tentadora e acariciante da mundana.

O que nos importa saber n'uma actriz é se ella pode, ou não, reproduzir na scena o typo das diversissimas creaturas que figuram no tablado da vida. Se a sua garganta se adapta ao personagem que incarna.

Isto é o que importa saber. E é este o fim que antes de tudo um comediante deve ter em vista. Para consegui-lo é indispensavel estudar, pôr em pratica preceitos de hygiene geral e ter com os orgãos vocaes cuidados muito rigorosos.

D'uma garganta educada tudo se consegue facilmente com hygiene e prudencia, desde que não haja qualquer deformação organica impossivel de curar. Todos nós conhecemos o exemplo tradicional de Demosthenes que, assobiado em Athenas na praça publica, devido á difficuldade da pronuncia e á respiração curtissima que o obrigava a tomar folego constantemente, difficultando assim ainda mais a comprehensão das suas palavras, á praça publica voltou, acclamado com delirio, coroado dos louros do triumpho, depois de passar annos n'um subterraneo discursando com pedras na bocca, lançando gritos tormentosos na praia, introduzindo na sua vida preceitos de hygiene rudimentar, que lhe deram a gloria, e o consagraram como o primeiro e o mais notavel orador politico da antiguidade.

Mimi Aguglia assim o comprehendeu e entregando-se com afinco ao estudo da hygiene da voz, compulsando os mais notaveis tratados (1), começou de seguir á risca as suas prescripções, servida pela lucidissima intelligencia que foi e será sempre o melhor auxiliar de todos os seus emprehendimentos.

Regularisou cuidadosamente a respiração, tendo em conta o que ensina a hygiene moderna, que aliás pouco adeanta sobre o que já sabiam os gregos, nossos mestres nas artes e nas sciencias, e hoje respira methodicamente, dissimulando com rara habilidade as expirações de que conhece o mechanismo secreto, — quando não é possivel pronunciar a phrase inteira no termo de duração d'um só movimento expiratorio—sem que as funcções mechanicas do pulmão retardem ou interrompam a emissão dos sons. Apprendeu a dirigir em todas as circumstancias o funccionamento do orgão pulmonar, evitando assim graves defeitos de pronuncia e as doenças que, por vezes, inutilisam para sempre grandes actores.

Cuidou depois do registo, da flexibilidade, do tom e do timbre.

Tem, como poucos, o raro mérito de modificar segundo as circumstancias a modulação da voz, dando-lhe todas as inflexões, variando-lhe os accentos para impressionar diversamente o auditorio como já ensinava Quintiliano, (2) regulando os descansos e não sahindo nunca fóra do registo que lhe convem. Assim evita a monotonia d'uma voz sem modestações e dá-nos, só pela inflexão, o sentimento que exprime.

A entoação tem egualmente na declamação importancia capital, mas n'este ponto, diga-se em homenagem á verdade, Mimi Aguglia está ainda muito longe de ser perfeita, porque se desiquilibra frequentemente, elevando demais a entoação natural para dar á voz maior intensidade, sem reparar que a potencia nada tem com o diapasão, e que esses esforços a que submette bastas vezes a larynge e a pharinge prejudicam fatalmente a emissão do som e roubam á palavra aquella simplicidade eloquente que só dá a entoação natural, unica admissivel, quer sob o ponto de vista hygienico, quer, e muito especialmente, sob o ponto de vista artistico. Nem sempre Mimi Aguglia força a entoação, mas na *Figlia di Jorio*, por exemplo, onde tem um trabalho genial, como veremos adeante, prejudica sensivelmente por esse motivo algumas scenas do 2.º acto, cahindo em exageros e lamentaveis desiquilibrios.

E' um pequeno defeito da grande actriz e julgo prestar-lhe um serviço, ao mesmo tempo que cumpro um dever, frisando-o bem n'este capitulo que é uma analyse minuciosa da sua voz.

Nunca a vi exagerar, ou servir-se exclusivamente d'este ou d'aquelle timbre, mas sim empregá-lo conforme o caracter do assumpto e do personagem, e preferindo sempre o timbre natural para não privar a voz das suas mais preciosas qualidades.

A pronuncia perfeitissima, a articulação modelar, é um dos segredos d'essa mulher extraordinaria que, sem uivos e sem cabriolas de garganta, sem *trucs* e sem cordelinhos, exerce no publico uma impressão dominadora, arrasta, fascina, arripia, commove, enternece, enthusiasma, revolta e esmaga.

A pronuncia foi sempre considerada, desde Demosthenes, como condição primacial d'uma boa dicção, como elemento essencial da eloquencia. Ouve-se mais facilmente, é mais incisivo e impressiona mais aquelle que, embora com voz fraca, articula bem, exprimindo claramente todos os sons, sem gritar e sem violentar a laringe, do que outro de voz embora volumosa que no entanto não sabe pronunciar, atropellando as syllabas ou abrindo desmesuradamente a bocca, n'um desprezo absoluto dos mais elementares preceitos de esthetica. Nem a sublimidade d'um pensamento, nem a corrida vertiginosa da phantasia, podem substituir a pronuncia artistica, a articulação perfeita que foram o maior auxiliar de Cicero na persuasão das multidões, o melhor elemento de Demosthenes e, mais recentemente, do grande orador da Egreia que se chamou Bossuet, gloria da eloquencia franceza e da oratoria moderna.

A pronuncia de Mimi Aguglia é impeccavelmente bella, fazendo, só por si, as delicias d'um auditorio intelligente. Não tem qualquer vicio de articulação que a prejudique e é incisiva, clara, insinuante, não se perdendo uma unica syllaba, não se apagando um unico som, dando-nos sempre uma impressão agradabilissima de harmonia, de perfeição e de belleza.

Pousada e tremente na supplica, rapida mas sem precipitações e sem tumultos na exaltação, esbatida e silenciosa no anniquilamento, exprimindo por monossylabos o desespero, grave, lenta e magestosa no conselho, a dicção sae-lhe expontaneamente correcta e elegante. Não é a dicção bella, mas falsa e convencional que immortalisou Coquelin. Não é de forma alguma a harmonia estudada, a maneira esculptural com attitudes d'um interprete de Sophocles. Não é a mentira divinizada pela Arte. E' a Arte ao serviço da Verdade. Não é a calma dominadora, a serenidade olympica com bellezas plasticas. E' a colera desgrenhada de Eschylo, o cachoar violento e sonoro das ondas, o sibilar agudo do vento, o berro que o Ceu grita pela bocca enorme do trovão, o clamor medonho da procella, o rugido da féra, a gargalhada estridente da sombra na phantasmagoria da noite.

E' o encanto, a leveza, a alegria que a natureza põe na voz despreoccupada da andorinha, a melancholia doce que vive no trinar do rouxinol, no assobiar do melro pela immensidão da floresta, no piar primitivo do pardal que vigia as searas doiradas, no arrulhar da pomba, no enleio apaixonado das rolas. no ciciar das folhas, na respiração dos vegetaes luxuriosos, no murmurio dos ribeiros, no brotar das nascentes, a sensualidade mal reprimida que domina a natureza inteira, da hortiga ao cedro e da monera ao homem.

A garganta da eminente actriz adapta-se admiravelmente ao riso e ao chôro e se as suas gargalhadas banaes, como as do *Quarto d'Ora*, são uma perfeição de naturalidade, as suas gargalhadas de desespero impressionam mais do que todas as lagrimas, as suas gargalhadas de dissimulação (3) rasgam o coração do espectador intelligente, as suas gargalhadas de escarneo (4) ferem como um estylete afiado, e, finalmente, em todas as circumstancias e exprimindo todos os sentimentos, jámais vi actriz que tão bem soubesse dar-nos, a rir, a impressão nitida da realidade e da vida.

E se no riso é summamente perfeita não logra no entanto elevar-se á altura a que nos eleva um só dos seus soluços, dar-nos a sensação de grandeza, de naturalidade, de verdade que nos dá uma só das suas lagrimas. Eu creio que fóra da scena ninguem chora com mais sinceridade e todos nós nos esquecemos, quando vemos chorar Mimi Aguglia, que estamos n'um theatro. Ella propria se esquece, porque já a tenho visto, ao terminar o 4.º acto da *Zázá*, entrar no seu camarim com os olhos arrazados de lagrimas, soluçando ainda como uma creança envergonhada que em vão procura conter-se. O offegar do seu peito, a voz secando-se-lhe na garganta, as palavras entrecortadas, a expressão do seu rosto, o esforço para traduzir em gestos o que os soluços não deixam dizer por palavras (1), tudo isso é a observação minuciosa, o estudo reflectido ligado á mais extraordinaria e á mais perfeita organisação de artista que tem pisado os palcos do mundo.

Pude fotografar-lhe a mascara, como o leitor verá no capitulo seguinte, mas não é possivel reproduzir aquelles soluços tão seus, tão caracteristicos, tão reaes que deram, aos que tiveram a felicidade de os ouvir, uma intensa e carinhosa impressão de arte, uma intensa e rigorosa impressão de verdade, esses communicativos soluços que nos fazem vontade de chorar e nos esquecem de que estamos defronte d'um palco. Não pude apanhá-los na objectiva d'uma machina photografica e se estão para sempre gravados na minha memoria, se jamais se apagarão da minha alma, não me é no emtanto possivel dar uma idéa, mesmo pallida, do que valem, como trabalho artistico, como affirmação de talento, os soluços unicos da tragica siciliana. Faltam-me palavras para os descrever, careço de imagens apropriadas e não gastarei os meus adjectivos para os classificar, porque tudo o que eu porventura dissesse seria muito menos do que elles valem e daria uma ideia muito inferior ao que elles são.

Direi apenas que Mimi Aguglia sem cantos de sereia e sem estridencias de glotte, sobria e na plena posse do seu valor, tem uma voz que se adapta admiravelmente a todas as circumstancias, exprime todos os sentimentos, ri com uma naturalidade perfeita, chora e soluça como jamais souberam chorar as rainhas da voz, com a sinceridade e o sentimento com que raras vezes se chora no tablado da vida.

(1) *Malia*, 1.º acto, quando os convidados pretendem obrigal-a a fazer um brinde á saude dos noivos.

(1) *Fisiologia é Higiene de la Voz* — Victor Delfino — Buenos Ayres, 1909.

(3) *Dama das Camelias*, 3.º acto, ante-penultima scena, despedida de Armando Duval.

(4) *Zázá*, 2.º acto. scena com Cascard.

(2) Dr. T. Mandl — *Hygiéne de la voix parlée et chantée* 1876, Paris.

CARTAS LISBOETAS

2 de março.

Ha pouco realisou-se em Paris o julgamento de Gustave Hervé por causa d'um artigo publicado na *Guerre Sociale*.

Dias depois, tres dias, realisava-se em Aveiro o julgamento de Homem Christo, a requerimento d'um republicano portuguez.

Eu não quero, não, estabelecer o paralello entre o audaz propagandista do antimilitarismo francez e o jornalista republicano que n'este paiz mais é detestado pelos republicanos, pelos que se dizem e se querem fazer passar como republicanos.

Nem vem a proposito esquissar, agora, a figura interessante que é na politica e, especialmente, no socialismo francez o advogado rebelde, o espirito de revoltado que o tribunal parisiense acaba de condemnar a quatro annos de prisão e a uma pesada multa, nem este é logar proprio para lhes dizer quem é, o que tem sido como democrata e o que vale como jornalista, como propagandista o sr. Homem Christo.

E' para lhes fallar um pouco, ligeiramente, como tem de ser feito n'estas cartas ligeiras, dos julgamentos de imprensa.

Chamado ao tribunal, como testemunha de Hervé, o grande Henri Rochefort fez no seu depoimento a condemnação mais formal dos processos de imprensa, elle que foi tantas vezes processado e que, respondendo a uma pergunta de Hervé, disse que as suas condemnações nunca o fizeram retroceder no caminho traçado, nem um passo o desviaram da linha a seguir.

Ainda que pése ao sr. João Chagas, que pretendeu ser na *Marselheza* um arremedo, mas um arremêdo muito lusitano, do Rochefort da *Lanterne*, a quem uma vez, em uma chronica, tratou parece-me que de palhaço, este velho jornalista tem alguma auctoridade em questões de imprensa, e seria de utilidade para os nossos rabiscadores de gazêtas, que julgam aristocratisar-se folheando codigos de duello, se podessem seguir o exemplo de vida de lucta d'esse pamphletario gigante que conseguiu impôr a sua penna máscula á admiração do mundo inteiro.

Com effeito, os tribunaes condemnando Hervé a quatro annos de prisão, ou obrigando Homem Christo a uma multa não fizeram mais do que dar razão a Rochefort.

Hervé, irá para a cadeia, mas as suas ideias teem agitado, continuarão agitando o socialismo francez e a sua prisão não o fará voltar atraz. Quando um homem chega a uma certa altura da sua vida mental, a não ser que seja um traficante, não emmudece facilmente em frente á guerra dos adversarios, não quebra a penna, não deserta.

E' preciso que um grande abalo moral o enfraqueça, que um irremediavel, um irreparavel desgosto o tenha tomado, para que o desalento completo se aposse d'elle.

Hervé voltará ao seu posto, e no seu posto será o que tem sido, não esmorecerá.

O que representa a condemnação do sr. Homem Christo senão a baixeza moral da creatura de Agueda que julga salvar a honra offendida com uma indemnisação em dinheiro? Isto com a aggravante de ter o homemsinho um jornal, de ter uma penna e de vir chamar ao tribunal o jornalista seu adversario . . . Perdão, seu adversario, não! Teriamos o caso do outro gabando-se de andar travando, n'um jornaleco qualquer, polemica com Antonio Rodrigues Sampaio, e a justa resposta do mestre da *Revolução*, como consta d'uma *nota* d'um livro de Silva Pinto . . .

Com a aggravante do sugeito ser republicano e de ter, como republicano, combatido, ao lado dos grandes jornalistas da republica, a lei de João Franco, da qual se queria servir agora para se *indemnisar* com duzentos mil reis . . .

E ahi andam os advogados da republica, os austeros homens da lei, pedindo a aplicação da lei de João Franco para castigar os que não deixam livre o campo ás proezas partidarias, que é assim como quem diz ás manigancias, ás *escroqueries* politicas dos seus correligionarios!

Pelo que me dizem as gazetas, e o *Povo de Aveiro* o confirma, foi muito boa a defeza que fez do sr. Homem Christo o director do *Liberal*, e no tribunal se disse a verdade aos republicanos enciumados que veem crescer a tiragem do *Povo de Aveiro* e diminuir, definhar, quasi extinguir-se a dos seus periodicos.

De que serviu, para a chamada causa republicana, pois, o processo movido pelo homemsinho d'Agueda ao sr. Homem Christo? Em que aproveitou elle ao ideal politico que tem como representante jornalistico um França Borges na rua de S. Roque?

Não continuará o sr. Homem Christo combatendo, movam-lhe os processos que lhe moverem? Em que farão affrouxar-lhe a energia as dezenas ou centenas de mil reis sahidas do seu bolso para pagar as multas?

Estes processos mesquinhos de recorrer ao tribunal, quando não se pode vencer pela penna, acabariam de desacreditar a democracia portugueza, se democracia existisse n'este bom e alegre paiz de sol e toiradas.

Esse velho Rochefort da *Lanterne* batia-se como um valente; na sua tribuna, com a penna, que na sua mão era a mais terrivel das armas, e batia-se no campo, á espada, em duellos a sério.

Estes pobres diabos do republicanismo portuguez, quando se não batem *para inglez ver*, fazem queixa ao tribunal quando alguem, porventura, mais rijo do que elles, levantando-os pelas orelhas os expõe á gargalhada dos que observam.

* * *

Um dos assumptos que ultimamente tem preoccupado os nossos intellectuaes é o projectado accordo luso-brazileiro que deverá sahir, n'um futuro mais ou menos remoto, dos trabalhos de que a proposta do sr. Consiglieri Pedroso na Sociedade de Geographia foi inicio generoso.

E' preciso approximar Portugal do Brazil, diz-se n'um arranque de patriotismo mais ou menos interesseiro, mas, para isso, a primeira coisa que ha a fazer é tornar o Brazil conhecido em Portugal.

Sim, porque a nossa ignorancia em coisas e homens do Brazil é manifesta, e vergonhosissima.

Agora mesmo que lhes escrevo está-se travando no Brazil a lucta eleitoral de que ha de sahir o primeiro magistrado da nação.

Um dos candidatos, Ruy Barbosa, é um nome universalmente conhecido como homem de lei. Em congressos no estrangeiro poucos terão levantado tão alto o nome da grande republica. Elle é, talvez, depois de Nabuco, a mais alta capacidade politica do Brazil.

Pois bem. O que nos diz a imprensa d'este paiz sobre tal acontecimento politico da nação, irmã d'alem-mar? O que nos ensina das tendencias do espirito de Ruy Barbosa, dos seus planos de governo, da sua acção na vida publica brazileira?

Nada, ou quasi nada, pouco, pouquissimo . . . nada mesmo.

Pegâmos, por exemplo, no *Seculo*, que tem uma edição especial para o Brazil, e vemos os retratos dos candidatos, acompanhando o texto d'um telegramma da Havas e meia duzia de linhas que nos deixam na mesma. No dia seguinte duas notas biographicas de Hermes da Fonseca e . . . disse. De Ruy Barbosa . . . nada.

E isto, de agora, é de sempre.

Ainda ha dias publicava a *Illustração* de Silva Graça uma serie de photographias do novo couraçado brazileiro que o governo do Rio mandou a Norfolk buscar o cadaver de Joaquim Nabuco. Descrevia-se, pretendia-se descrever, emfim procurava-se dar uma ideia do *Minas Geraes*, mas, revista litteraria, a mesma *Illustração* não nos dizia nada de Joaquim Nabuco.

De Joaquim Nabuco, sim, que foi um dos maiores vultos do seu paiz, que em todas as espheras da vida mental, como orador, como litterato, como polemista, como critico, como politico, deixou um rasto luminoso da sua passagem, do homem extraordinario a quem o Brazil presta agora a mais alta homenagem que se pode prestar a um morto, a gente que se diz representar uma *élite* de lettrados nada tem a dizer!

Ha dias, tambem, morreu o poeta Luiz Delphino, veio a noticia pelo telegrapho, mas do homem que foi, apezar dos seus defeitos, um bom poeta, disse-se apenas . . . que tinha morrido, e, de caminho, alludia-se — alludia o *Seculo*, a que se refere esta carta—a Machado d'Assis, o grande romancista brazileiro.

Ah, como é triste ter escripto tão bem a lingua portugueza, ter-lhe dado o brilho que lhe deu o artista maravilhoso das *Memorias de Braz Cubas*, para, alguns annos depois de morto, ser tratado como um quidam pelo primeiro rabiscador sem grammatica que se apresenta a fallar de homens do Brazil, que elle nem saberia procurar no mappa, como é triste!

A *Revue* consagra-lhe um artigo. Publica-se em Paris um opusculo sobre o auctor da *Helena* e do *Bom Casmurro*. Ninguem desconhece, no mundo mental moderno, o artista que foi Machado d'Assis. Em Portugal, mesmo entre os intellectualisados, poucos sabem que elle existiu, que existiu e escreveu bellos livros, que nos deixou obras primas que hão de ficar como um padrão de gloria para a litteratura brazileira.

Conhece-se Coelho Netto, porque elle edita no Chardron, e os seus livros apparecem ahi nas vitrines das livrarias da baixa, mas quantos d'esses propagandistas do accordo leram, por exemplo, esse alto documento do realismo brazileiro que é o *Missionario*, de Inglez de Souza?

Sabem, talvez, da existencia de Fontoura Xavier, por terem visto, uma tarde, descendo o Chiado, as suas *Opalas* na vidraça do Bertrand. Teem ouvido chamar, a uns adolescentes com veia critica, Olavo Bilac o primeiro poeta do Brazil e lembram-se vagamente de ter ouvido o actor Augusto de Mello recitar aquelle soneto as *Pombas*, de Raymundo Correia.

Do jornalismo brazileiro desconhecem por certo, Carlos Laïte ou Eduardo Salamonde, mas acreditaram jornalista aquelle senhor João Phoca que alli faz conferencias humoristicas na rua dos Condes.

E o Brazil tem bons jornalistas, emquanto que nós temos . . . pessimos jornaes.

O que se conclue de tudo isto?

Que esse accordo, que esse projectado

accordo não é mais do que um meio de tomar o tempo a estes lusos divertidos.

Então os democratas, essa gente que conhece o Brazil, como tem ella deixado permanecer a população portugueza n'esta crassa e vergonhosa ignorancia dos homens e das coisas brazileiras? Esse Cunha e Costa, com todo o seu enciclopedismo de operêta, em que conferencias, em que livros, em que artigos nos tem elle dado conhecimento do Barzil moderno, do Brazil mental e do Brazil social? Elle que viveu no Brazil, que por certo o Brazil ficou amando, se o Brazil chegou a ficar conhecendo?

José Barbosa lá publicou um livrinho, contribuição modesta, mas ainda assim alguma coisa. . . Mas José Barbosa viveu largo tempo no Brazil, foi jornalista no Rio e cremos ter ouvido uma vez que em S. Paulo, conhece, sem duvida, o Brazil — a não ser que fizésse o jornalismo que fazem na rua de S. Roque certos intellectuaes do nosso republicanismo.

Cumpria-lhe fallar aos portuguezes dos homens e das coisas, dos factos e das ideias da grande republica sul-americana.

Mas é possivel que não o faça, ou porque em Portugal é pouco todo o tempo para politiquezar, ou porque . . . receie não ter quem o leia, quem o oiça, quem lhe preste a minima parcella de attenção.

Bruno escreveu o *Brazil Mental*, Theophilo Braga investigou e publicou sobre os arcades brazileiros? E' certo. Mas quem d'entre os democratas da propaganda leu o livro de Bruno ou sabe sequer da existencia das investigações de Theophilo?

O que se ensina nas nossas escolas publicas de litteratura ou de historia brazileira? Onde estão os nossos livros didacticos, os nossos livros de critica fallando dos homens do Brazil?

Pega-se em qualquer critico brazileiro, em Sylvio Romero, em José Verissimo, em Valentim de Magalhães, ao acaso, em qualquer outro, são frequentes nas suas paginas as allusões aos nossos escriptores. E as nossas aos d'elles?

Explendido mercado é o Brazil para os nossos quantas vezes adulterados productos litterarios . . . O que representará para as edições brazileiras o mercado portuguez?

O brazileiro tem sido sempre alvo da troça em Portugal. E' manifesto o desdem que por elle tem o pateta intellectualisado do nosso paiz, o snob litterario, que é, afinal, quem domina na grande arte nacional. Nos romances e no palco é elle sempre o homem que paga e é illudido, o que sustenta as prodigalidades da mulher e dos amantes d'ella, o ridiculo, o grotesco.

"Em cavaqueira — dizia o Eça nas *Farpas* — é o *macaco*; na imprensa é o *nosso irmão d'alem-mar*.„

Tu, portuguez, tambem tu és um macaco, um ridiculo, um grotesco imitador das coisas que te veem de França, ideias que tu não comprehendes, figurinos que te ficam tão bem como uma casaca de baile n'um burro de circo.

Deixa-me dizer-te esta verdade: os teus orientadores, os teus democratas não valem nada, os teus homens de lei e quasi todos os teus homens de lettras não são absolutamente nada ao lado dos *macacos* brazileiros que teem, a mais do que tu, ainda, as *Miloiras* com que se fazem construir os *Minas Geraes*.

Belgavino.

A GRANDE QUADRILHA

. . . Sr. Redactor.

Em primeiro logar deixe-me felicita-lo pelo enorme triumpho alcançado no julgamento do *Povo de Aveiro* (1). O telegramma inserto no *Correio da Noite* dando conta d'esse julgamento, em que os brilhantes dotes de Alexandre de Albuquerque mais uma vez se affirmaram, de um espirito esclarecido e lucido ao serviço de uma palavra facil, produziram, em todos estes centros de conversação e politica, um benéfico e radiante effeito. Em S. Carlos, onde estavamos foi o assumpto obrigado — *Os quadrilheiros republicanos rasgam a sentença do tribunal republicano para se servirem da sentença do tribunal monarchico* — Magistralmente dicto. Que funda *verdascada* na canalha republiqueira! Como se impõe a necessidade de uma forte propaganda falada pela provincia, para desmascarar de vez estes histriões republiqueiros!

Não ha duvida que desde este momento se deve crear um fundo de propaganda para o qual todos contribuirão com a melhor boa vontade. Parecia-me, por isso, util e indispensavel o *Povo de Aveiro* esclarecer se basta a simples remessa do dinheiro com a declaração do fim a que se destina.

*

Com certeza, sr. redactor, este ultimo numero do *Povo de Aveiro* devia ter aqui em Lisboa, pelo menos, muito maior venda do que o habitual. Em primeiro logar esperava-se anciosamente a descripção do julgamento. Depois sabendo-se dos artigos ácerca do Junqueiro, e esperando-se tambem a annunciada carta sobre o famigerado e acrata Mella, toda a gente procurava o jornal.

Ora como, á noite, tão discutido foi o Junqueiro como o Mella, tambem eu gostosamente contribuirei com dois pequenos esclarecimentos.

Um amigo meu, que o ouviu d'uma antiga auctoridade policial, me disse que, em 1886, o ministro do reino de então, José Luciano de Castro, pensando n'uma larga reforma da policia civil, alguem lhe suggerira mandar a Paris um intelligente funccionario da policia para, sobre o seu relatorio, se iniciarem os trabalhos da reforma. Isto soube-se; e, logo no dia seguinte, apparece em casa do ministro o G. Junqueiro sollicitando vivamente o desempenho da missão. Muito admirado, o José Luciano com o seu feitio um tanto chalaceador exclamou—«Um poeta na policia! E desenganou-o. Mas os empenhos choveram, uma *ode* foi atirada á publicidade com dedicatoria a pessoa intima, no Paço foram bem *mexidos os cordelinhos* e emfim o Junqueiro partiu, não sem que a gargalhada estrondeasse ao saber-se da estranha missão do Poeta. Voltou ainda segunda vez; e á terceira, para então definitivamente estudar a preceito o processo — *Bertillon*, o ministro impôz a condição de ser acompanhado por um chefe da policia dos mais habeis, recebendo este duas libras de gratificação, ficando o Poeta com tres *sterlinas* diarias, em vez das cinco que sempre recebeu (1). Não quiz, amuou, e em despeito do corte na ganhuça, (bem diz o Taborda-Judeu) da quebra na *grilheta* do *interesse* como elle lhe chama, passou-se para o partido republicano.

Isto é um facto absolutamente verdadeiro, por mais que tentem não o acreditar, e que pode ser confirmado desde o alto dos Navegantes ao Commissariado da policia.

*

Com relação ao sr. Alfredo Mella, uma cousa ha que todos admiram, e vem a ser: Como é que este homem, e o Heitor, espingardeiro, não permanecem presos? Este ainda chegou a estar preso; mas, emfim, o juiz de então logo que viu a benemerita associação dos lojistas (no papel, com a representação tendo sido caçadas muitas assignaturas) apresentada em mão pelo inclyto e nunca assaz cantado Pinheiro de Mello, põe-o immediatamente no olho da rua.

Mas aquelle — o Mella — que todos accusavam de connivente no caso das bombas por occasião do desastre mortal do desvairado medico Gonçalves Lopes?! Tão apertadas eram as relações d'estes dois homens durante muito tempo antes do desastre fatal, que todos os dias de tarde, sobretudo, e algumas vezes á noite era visto na tabacaria do Mella (loja de escada da casa Cadaval) o dr. G. Lopes em intima conversação com o Mella. E todos se lembram de que, por essa occasião, entre alguns amigos e todos que aproximavam factos, se chegou a dizer que os ingredientes de que o medico fazia uso para a manipulação das bombas eram fornecidos pelo pharmaceutico Mella. Quem bem poderia informar seria o caixeiro da *lojeca*, senão pelo que elles diziam, pelo menos d'essas intimas relações.

Mas que nos lembre nunca o sr. juiz de então attendeu á voz publica.

Nada disse o sr. Mella, na carta bem compromettedora, ácerca do plano da dynamite lançada do alto dos telhados da sua casa, e d'outros da baixa, nem das suas relações com o Buiça.

Certo é, porem, que logo a seguir á selvatica cobardia infame e canalha da morte traiçoeira de El-Rei D. Carlos e de seu Filho o Principe Real, apparecia no Immundo do Margarido, uma carta de Alfredo Mella Junior, menor, offerecendo alguem para tomar conta d'um dos filhos do Buiça. Tem graça, um garoto a fazer estes offerecimentos.

Mas visto que o pae já se tinha servido do filho pondo a loja em seu nome para fugir á acção criminal, não era de admirar que do mesmo filho se servisse para continuar a *chuchar* a têta monarchica.

Por esta forma continuava a enganar um homem sério e de respeitabilidade como incontestavelmente é, o sr. conselheiro Vasconcellos Porto.

E conta a companhia real no seu seio, um funccionario graduado em chefe, com os mais vis, degradantes e deprimentes attributos que podem manchar um homem.

Os accionistas que olhem para isto.

F.

. . . Sr.

Não lhe encareço os serviços que V., com a sua campanha de moralidade está prestando ao paiz. Isso seria roubar-lhe espaço e tempo.

Que lh'os applaudo, que o louvo e que admiro o seu energico procedimento, isso demonstro pelo pequeno auxilio que com esta lhe venho prestar.

Feito o exordio, como diria o meu abbade, entremos no assumpto — o Juiz de Instrucção Criminal.

V. está de accordo que o sr. Antonio Emilio tem, com uma rara coragem, sabido exercer o logar, que honrosamente occupa, e isto incontestavelmente com o risco da sua vida e dos seus interesses, porque a matilha republicana jámais o esquecerá. E' portanto natural, que a sociedade, de que aquelle zelozissimo funccionario é guarda e defensor, lhe seja agradecida. Não é menos certo tambem que se o Juiz de Instrucção Criminal defende a sociedade em geral dos assassinos e ladrões que a atacam, sendo por isso o seu guarda vigilante, tambem o é das instituições, quando estas são assaltadas por os seus inimigos, que para isso empregam meios que as leis não permittem entre povos civilisados.

Posto isto, outro assumpto.

. . . . . .

Para defender o ideal republicano creou este partido diversas associações que se reunem para apoiar todos os seus vultos, em qualquer situação evidente em que se encontram, procurando tirar todo o partido possivel dessa situação, quer ella seja critica como a do consocio Leandro, quer fanhosa como a do malandro do Affonso Costa, a tentar roubar 24:500$000 réis aos herdeiros de Esteves Ribeiro. E esta campanha de louvaminhas, onde o ataque não se realisa só portas a dentro dos seus clubs,—exteriorisa-se nas suas gazetas, levando a campanha por vezes tão longe, que os jornaes monarchicos estupidamente lhe seguem o rasto, fazendo-lhes o jogo.

Ora isto, da parte dos republicanos é natural, é o seu feitio. Armam-se para a guerra. E na guerra como na guerra. Procuram unir-se e estão no seu direito, não lh'o contesto. O que eu estranho, é que os monarchicos, querendo imita-los procedam tão ingenua e parvoamente, como lhe vou demonstrar, pelo seguinte facto, que me narraram ha dias, e que ha pouco aqui se passou, na ultima assembleia da Liga Monarchica, onde um socio propoz, como desaggravo á campanha que se fazia ao Juiz de Instrucção criminal, se respondesse com felicitações por parte d'esta aggromiação, á valorosa attitude do muito digno juiz Antonio Emilio. E' simplesmente espantoso. Não se acredita. A proposta foi reprovada, perque esta sociedade — *A Liga Monarchica do Porto* — entendeu que d'ahi lhe podia advir uma grande campanha jornalistica, explorada pelos orgãos republiqueiros!

Mas então para que serve a Liga? Para dar vivas atraz do carro do rei? E para que mais? Estrada a seguir pelos pretendentes a arranjos e nichos á meza do orcamento. Talvez, mas então a prudencia explica-se. Para defender a Monarchia, é que com certeza não é uma associação que tem receio de approvar uma proposta para se fazer uma simples manifestação ao Juiz de Instrucção criminal, e louva-lo, na sua attitude, e animando-o a proseguir na descoberta dos auctores do regicidio — o seu dever.

Acabem com essa farça, tirem o nome ao estabelecimento e digam, *Liga de Arranjistas* —, porque esse é que é o termo.

Agora outro assumpto, e esse o ultimo. O auctor da proposta era muito da intimidade do Rei D. Carlos e portanto por todos tido por seu amigo, vistas as muitas manifestações publicas que o fallecido rei lhe testemunhou. E' homem independente. Passa por ser teso, e assim o demonstrou em diversas campanhas aqui levantadas, e que deram brado, como a da companhia carris. E apesar disso fica-se calado como um rato, sem dar signal de si, negando-se até a dar copia da sua proposta para os jornaes, e de tal forma que o caso apenas é conhecido dos poucos que assistiram á já hoje celebre sessão! Mas onde está essa amizade por D. Carlos? Morreu no Terreiro do Paço? Mas então para isso escusava de vir armado, quando da primeira visita de El-Rei D. Manoel a esta cidade, agarrado atraz da carruagem, guardando-lhe as costas, desde a estação até ao Paço, façanha então de admirar, porque na verdade, só com uma força de carrejão e uma coragem que se lhe não póde negar, conseguiu não perder o seu posto, apesar das ondas esmagadôras do povo e dos cavallos.

Admirámo-lo então, e ainda hoje aqui lhe fazemos justiça, mas admira-lo-hiamos muito mais, não o vendo recuar na attitude que tomou na *Liga Monarchica*, porque para alli é que eram os actos de força e a definir as situações — ou monarchicos cumprindo o seu dever, ou vendilhões do Templo, e então a azorrague, expulsando-os como o Divino Mestre.

Mas ficaremos assim?

Ainda o não queremos acreditar.

Sphynge.

(1) Esta carta veio para ser publicada no numero passado. Não o foi por falto d'espaço.

(1) Se não nos falha a memoria, Junqueiro, em polemica com Gonçalves, disse em tempos que tinha ido ao extrangeiro sem remuneração.

Provincias

Carrazedo Monte Negro

Sr. redactor do "Povo de Aveiro„

Sendo actualmente o seu jornal o mais procurado e que com mais interesse é lido em todo o paiz, porque razão se não ha de estampar n'elle qualquer escandalo que n'este canto de Portugal se pratique?

Vamos ao caso.

Ha pouco mais d'um anno, na camara d'este concelho—Valpassos—foi arrematado o fornecimento das carnes verdes, n'esta povoação a 150 réis cada kilo.

Era arrematada por todo o preço para afugentar os concorrentes, pois contavam com a benevolencia dos camaristas.

Passados poucos dias constou que fora anulada essa arrematação por falta do deposito do arrematante e a carne custava 200 rs. o kilo, passando d'ali a alguns dias a 220 rs.

Como em janeiro proximo passado, constasse que outro talho se ia abrir, eis que a ex.ma camara, no intuito de bem *zelar* os interesses do publico, faz um simulacro de arrematação e dá o exclusivo da venda da carne aos mesmos marchantes, ao preço de 240 rs. o kilo!!!

Ha quem diga que os lucros são divididos entre camaristas e marchante, outros, que houve camarista que *gramou* qnantia grossa e ainda outros, que foi favor politico.

Conheço alguns camaristas, tenho-os na conta de cavalheiros e tenho a certeza que se algum dos casos apontados teem razão de ser é o ultimo.

Não pensaram, foram illudidos?

Boa é a queda quando nos podemos levantar, vá senhores camaristas, dêem uma satisfação a este povo, que nenhum mal lhes fez, desfaçam o que fizeram, anulem a arrematação.

O errar é proprio do homem; ora conhecer-se o erro e continuar n'elle, é crime. E por hoje basta, porque espero dos srs. camaristas a justiça a que temos direito.

Um leitor.

—†—

Lagos

(Retardada)

Tinha resolvido, pelo Carnaval, dar umas feriasinhas, e mesmo prelongal-as até passada a quaresma (tempo santo) dos republiqueiros idiotas lacobrigenses, mas o Rato deformado entendeu que as ferias eram demasiadas e que havia muito não botava asneira grossa, que desse bem nas vistas. Privou-me, pois, aquelle idiota das minhas boas intenções, e privou, tambem, os seus correligionarios de algum descanço, pois é provavel que no decorrer d'esta tenha algum que entrar em acção e assim dou, tambem, um alegrão áquelles que suppunham que o correspondente estava já descoberto e que tinha medo de escrever, etc., etc.

De saude é que não vae muito bem. Dir-lhes-hei, pois, que o correspondente não está descoberto, continuando a escrever e disposto a não deixar passar em branco actos indecentes como o que vou narrar, do Rato deformado. A desorientação cada vez é maior entre os republiqueiros ácerca do correspondente! Sem tir-te nem guar-te visam toda a gente que lhes dá na veneta!

Idiotas! O que dirão elles quando virem o retrato do Rato deformado na galeria dos republiqueiros celebres de Lagos!! Sim, sr. director, porque é conveniente que todos conheçam estes Deuses da Democracia!!! Uns insensatos... nada mais.

Vamos á proeza da *ratazana* de *baixa-mar*: Uns artistas carpinteiros de Lagos foram incumbidos pelo Rato deformado de lhe fazerem uns moveis e concertarem-lhe outros (não sei bem que moveis eram.) Os artistas fizeram as obras que logo foram enviadas para o escriptorio do *ratifio*. Até aqui está muito bem. Mas logo que se tratou do pagamento, é que foram ellas! Os artistas pediram pelo seu trabalho a quantia de 14$000 réis. Até aqui ainda está muito bem. Mas que procedimento imagina V. que teve o deformado? Disse aos artistas que lhes não pagava similhante quantia, mas simplesmente 9$000 réis que era o que elle reputava rasoavel! Que elle é que tinha o direito de avaliar o trabalho do artista etc., etc., e mais baboseiras como estas.

Eu estou intimamente convencido que houve n'isto assopradela do tio Jerolmo pois teve sempre muita habilidade para perito, e muito principalmente, quando se tratava d'obras suas! Mas voltando ao assumpto: os artistas em vista de tal procedimento mandaram buscar ao escriptorio, do *deformado*, os moveis e á porta da officina collocaram os referidos moveis com o seguinte distico: Vende-se por abatimentos do freguez. O ratifio indignado foi queixar se á administração do concelho. O administrador deu-lhe ouvidos e mandou a policia arrancar o referido distico que então se achava sobre uma secretaria collocada na rua. Os artistas zombando, e com razão, de tal procedimento, tornaram a collocar novo distico mas já dentro de casa. Foi pena que não se lembrassem de mandar a policia tiral-o outra vez para a asneira ser completa: O melhor, porem, da festa e do escandalo, passado na principal rua da cidade e defronte do escriptorio do supra citado deformado, foi o mesmo deformado entrar na officina, prometter a um dos artistas duas bofetadas e que ainda em cima o mettia na cadeia!!! Naturalmente em nome da Liberdade, Egualdade e Fraternidade!

Veja isto, sr. Director! E como toda a gente se tem admirado d'este burro de sorte ainda não ter levado uma dose de pau! Note V. que o deformado é *eximio* nos salarios á Affonso Costa e o primeiro a dizer que nimguem tem auctoridade para avaliar o seu trabalho senão elle. Veja isto sr. Director e a minha indignação é tanta que não posso deixar de deitar cá para fóra a exclamação. Grande sucia!

Esta carta tem sido interrompida tantas vezes que nem já me lembro o numero. Motivos de muitos affazeres me tem levado a isso. Entretanto, como agora posso dispôr de um bocadinho, vou fazer duas perguntas aos republiqueiros: Já vocês pagaram os 27:000 reis ao desgraçado do professor que trabalhou 3 mezes na escola? E ao pobre continuo tambem pagaram? Respondam alguma coisa, homens da moralidade! Quando responde o vosso correligionario garoto imberbe? Não deixaremos estes casos: Vocês não passam afinal d'uns caloteiros.

Ha dias o nosso Espanta Mortos acompanhado do cynico, *digo syndico da camara* e mais pessoas de notabilidade da republica de Lagos foram á Luz *vêr o estado de adeantamento dos alumnos d'aquella escola!* Segundo informações seguras houve ali champagne de 20 reis o litro por uma *pá velha*. Houve até quem visse o magestoso garrafão na boleia do carro! Agora o que não sei é se o champagne deu para discursos! Agora por Espanta Mortos. V. não o viu na *Illustracção Portugueza* ao lado dos correligionarios de boina?

Estava soberbo! O demonio me leve senão arranjou posição propositada para ser bem visto pelo correligionarios de Lagos!! Que diria este idiota na reunião do partido!! Nada, provavelmente. O fim foi só papar o almocinho e disse. Quem me diria a mim que o *Espanta Mortos* sem qualidade absolutamente nenhuma para occupar tal cargo ainda havia de representar o municipio de Lagos!! E' onde pode chegar o desleixo dos monarchicos que d'uma vez devem abrir os olhos e fazer o que devem n'uma união sincera e leal a bem d'esta terra; mas monarchicos sinceros, com bom senso e não idiotas que vegetam com a mania da chefia de grupelhos.

Agora por isso; Partiram para Faro trez correligionarios do sr. Teixeira de Sousa, dos mais distinctos e grandes influentes politicos. Que fossem e regressem em bem são os meus votos. Desejaria prolongar esta mas não posso por hoje. Direi para findar que a *vinha brava* vae n'um progresso prodigioso e que por medida de grande alcance politico foram pintados os candieiros da illuminação publica de verde e encarnado! Isto nos centros principaes e tambem e gradeamento da praça do peixe! Esta medida trouxe para o municipio grandes economias!

Que tartufos! Veriam estes idiotas alguem pintar os candieiros d'azul e branco? Os inglezes agora, se vierem, hão de perguntar se está implantada a republica em Lagos! E no meio de tudo isto continua a andar pelas ruas da cidade de tromba, digo de cara levantada o idiota do Espanta Mortos muito *ancho* dos bons serviços que tem prestado ao municipio tendo que engulir as posturas do leite, carros, etc. etc.

Até á vista, idiotas.

C.

O Povo de Aveiro

Vende-se

Aveiro—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano.

Lisboa—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro, Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Rafael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; Havaneza Central, Praça de D. Pedro, 59; João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Alfredo Lourenço de Sá, Rua do Livramento 103; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira; Tabacaria Viegas, Rua dos Poyaes de S. Bento, 102 a 104; Kiosque Flor d'Esperança, rua D. Carlos I. F. Gonçalves, Rua de S. Bento, 181; A. Ponte Ferreira, Rua Conde Redondo 133 Bairro de Camões; Havaneza aos Pantlistas, Calçada do Combro 113; Tabacaria Godinho, Calçada da Estrella, 25; José dos Santos, Rocio, 108; Eduardo Augusto, Rua de Belem, 102 e 103; J. D. Ferreira, Rua Saraiva de Carvalho, 105 B.; João Rodrigues Mattos, Rua dos Cavalleiros, 97; Antonio Marques, Rua da Esperança, 210; José Francisco Martins, Largo do Calhariz, n.º 4; José Pires Gonçalves, Rua da Magdalena, 188-190; Kiosque Largo de S. Roque; Tabacaria Amelia, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 47.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria Vieira da Cruz, rua de Santo Antonio; Tabaaria de C. A. Guimarães, Rua Formosa, 290 A; Antonio Pinto, Praça de D. Pedro, 20; Alfredo Ribeiro da Costa, Rua da Lapa, 15-16.

Espinho—Kiosque Reis. **Molta do Ribatejo**—João Baptista Mouro. **Vizeu**—Kiosque do Rocio. **Chaves**—Annibal de Barros. **Villa Real**—Agencia de Publicações de Antonio de Neutel C. da Mesquita. **Alpedrinha**—Manuel dos Santos Tarouca. **S. Domingos de Carmões**—Joaquim Marques de Carvalho Junior. **Pavia**—José Couto Segundo. **Villa Velha de Rodam**—Antonio da Cruz Pinto. **Mangualde**—Bento d'Almeida Campos. **S. Thiago de Cacem**—Joaquim Gervasio. **S. Pedro do Sul**—José Augusto d'Almeida. **Fáro**—Francisco Matheus Fernandes. **Evora**—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21. **Cascaes**—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea. **Villa Nova de Baronea**—José Custodio Figueira. **Cortegana**, Alemquer—João dos Santos Pereira. **Paderne**—**Algarve**—Antonio Anacleto d'Oliveira, **Torres Novas**—João Rodrigues Sentieiro. **Amareleja**—**Moura**—Manuel Frade. **Castello Branco**—Vende-se pelas ruas. **Montemór o Novo**—Fortunato Reinato. **Tondella**—Mario do Carmo. **Pedrogam Grande**—Adelino Lourenço dos Santos. **Idanha a Nova**—Christiano Pereira Barata. **Guimarães**—Antonio Araujo Salgado. **Braga**—José Gomes da Silva, Campo de S. Thiago, 24. **Taboa**—Francisco da Costa Carvalho. **Monsão**—João da Silva Guimarães. **Figueiró dos Vinhos**—José Miguel Fernandes David. **Pinhel**—Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres. **Vianna do Castello**—No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho; José Antonio d'Araujo Junior, Rua 8 de Maio, 122. **Lamego**—Joaquim Valente. **Castello Novo** (Beira Baixa) João Pereira dos Santos **Elvas**—Luiz Samuel da Silva. **Povoa**—José Couto Segundo, **Agueda**—Eduardo dos Santos Trinta. **Covilhã**—João Pereira Saraiva. **Figueira da Foz**—João Palhas, Mercado n.º 8. **Santa Cruz da Graciosa**—Antonio Ernesto Esteves. **Fundão**—Manuel Gonçalves Anacleto. **Guarda**—José Antunes de Figueiredo. **Cadaval**—Antonio Lopes Leal. **Sobral de Mont'Agraço**—Arthur Carvalho. **Moura**—José Fragoso de Lima Nunes. **Macieira de Cambra**—Domingos d'Albergaria **Alcochete**—Joaquim Valentim **Santarem**—Vende-se nas ruas **Cezimbra**—Antonio José Pereira. **Angeja**—José Maria Martins dos Santos. **Castello de Vide**—Antonio Lourenço Veliz. **Villa do Cano**—Antonio Martins Florentino. **Serpa**—Celestino Alhinho. **Louzã**—Adelino P. Erse. **S. Bartholomeu de Messines**—A. Cabrita do Rosario. **Mattosinhos**—Agencia Lusitana, Rua Roberto Ivens **Coimbra**—Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz, rua Infante D. Augusto. **Alcobaça**—Antonio Vazão. **Gouveia**—Manuel A. Manta, Rua Braamcamp **Leiria**—Jayme Moneiro. **Portalegre**—João Gervasio Coelho, Largo da Sé. **Vendas Novas**—Joaquim Maria de Andrade—*o Varino*. **Setubal**—Manuel Tavares. **Arronches**—Miguel Maria. **Villa Nova d'Ourem**—Antonio José Pereira. **Vianna do Alemtejo**—Joaquim Antonio Carvalho. **Sattam**—José da Cunha Marques. **Escalhos de Cima** (Beira Baixa)—Miguel Maria Tavares. **Lagôa**—(Algarve)—Manoel Rodrigues Rogado. **Villa Viçosa**—Luís Fillippe d'Abreu. **Bragança**—Affonso Augusto Teixeira, Rua do Norte. **Funchal**—Francisco de Senna Lisboa Kiosque da Constituição. **S. João da Madeira**—Venda pelas ruas. **Oliveira d'Azemeis**—Venda pelas ruas. **Albergaria-a-Velha**—Venda pelas ruas. **Estarreja**—Manuel Valente Mattos, Kiosque da Praça. **Porto de Móz**—José Henriques. **Alandroal**—Armando Tavares de Moura Palhas, Pharmacia Caeiro.

BRAZIL

Rio de Janeiro—Centro de Publicações de Gianlorenzo, Schettino, Travessa do Ouvidor.

Manaus—Agencia Freitas.

Belem do Pará—Centro de Publicações.

MACHINA DE COSTURA, vende-se uma industrial quasi nova, *Bobina Central* e mesa de estensão; trata-se com José Maria da Costa Junior.

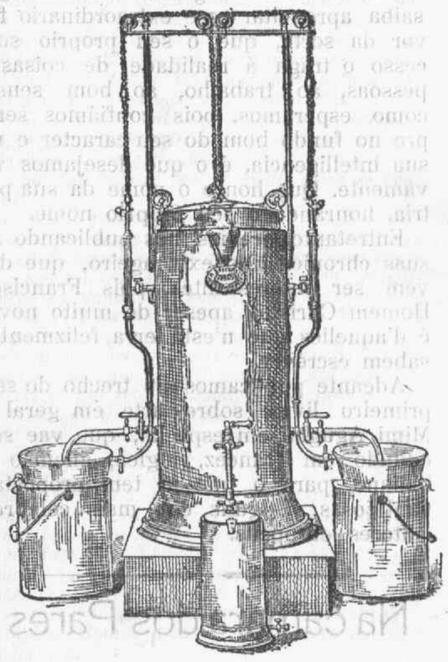
Trens de aluguer PROMPTOS a sahir a qualquer hora de dia ou de noite.—Na alquillaria Picado & Pereira

A' Ponte da Dobadoura.—AVEIRO

A. Anselmo & C.ª

20, LARGO DE S. DOMINGOS, 20

LISBOA



Canalisações para agua, gaz e acetylene. Gazometros para acetylene em chapa de ferro chumbada, com um e dois geradores, os mais praticos, solidos e economicos

Absoluta segurança e simplicidade no funccionamento. O mais perfeito purificador até hoje conhecido. Accumulador interior. Carboneto dividido em secções. Gazometros para bordo. Montagens garantidas e economicas.

Pedir preços e condições a

A. ANSELMO & C.ª

LARGO DE S. DOMINGOS, 20

LISBOA

Typographia a vapor

DE

O POVO DE AVEIRO

TRABALHOS COMMERCIAES

Bilhetes de visita desde 400 réis o cento

N'esta typographia, montada com material extrangeiro de primeira ordem, todo o typo commum da casa *Bauer & C.º*, de Stuttgart, todo o typo de phantasia da mesma casa *Bauer* e da casa franceza *Turlot*, orlas e vinhetas decorativas *Turlot*, *Berthol*, de Berlim, e de *Klinkardt*, de Leipzig, machinas de impressão, de picotar, de aramar, guilhotina, dos fabricantes allemães *Albert & C.ª*, de Frankenthal, *Ingenfrost*, de Leipzig, *Dietz & Listing*, de Leipzig, com uma esplendida collecção de typo especial e cartões para bilhetes de visita, com fornecimento de sobrescriptos e papel de toda a ordem, nacional e extrangeiro, executam-se, com a maxima perfeição e preços minimos, para qualquer ponto do paiz, com impressão a preto ou a côres, de simples texto ou gravura, todos os trabalhos da arte typographica, taes como: livros, revistas, jornaes, prospectos, facturas, bilhetes de loja, memorandums, estatutos, circulares, etc., etc.

Toda a correspondencia é dirigida para Aveiro, a **Francisco Manuel Homem Christo,** *proprietario, director e administrador de* **O POVO DE AVEIRO.**

RUA D'ARNELLAS—AVEIRO